

Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta



Emiliana Faria Rosa (Org.)

Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta

Emiliana Faria Rosa (Org.)



Diálogos

TUTÓIA - 2022

EDITOR-CHEFE

Geison Araujo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)

Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)

Diógenes Cândido de Lima (UESB)

Jailson Almeida Conceição (UESPI)

José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)

Joseane dos Santos do Espirito Santo (UFAL)

Julio Neves Pereira (UFBA)

Juscelino Nascimento (UFPI)

Lauro Gomes (UPF)

Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI)

Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)

Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB)

Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)

Meire Oliveira Silva (UNIOESTE)

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

Rosangela Nunes de Lima (IFAL)

Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)

Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)

Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Copyright © Editora Diálogos - Alguns direitos reservados
Copyrights do texto © 2022 Autores e Autoras



Esta obra está licenciado com uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta obra pode ser baixada, compartilhada e reproduzida desde que sejam atribuídos os devidos créditos de autoria. É proibida qualquer modificação ou distribuição com fins comerciais. O conteúdo do livro é de total responsabilidade de seus autores e autoras.

Capa: Helenne Schroeder Sanderson
Diagramação: Beatriz Maciel
Revisão: Autoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M956
Mulheres: vivências e histórias que o lattes não conta
/ Organizadora Emiliana Faria Rosa – Tutóia, MA: Diálogos,
2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-89932-62-8

1. Literatura 2. Pesquisa Acadêmica 3. Mulher I. Título

CDD 800

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

 <https://doi.org/10.52788/9786589932628>



Diálogos

Editora Diálogos

contato@editoradialogos.com
www.editoradialogos.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
SURDAS, MULHERES, FEMINISTAS, MÃES E LGBTQIA+: NOSSOS LUGARES DE FALA.....	12
<i>Carilissa Dall’Alba</i>	
<i>Helenne Sanderson</i>	
LEITURA DE MUNDO, LEITURA DA PALAVRA, LEITURA DE SI.....	38
<i>Emiliana Faria Rosa</i>	
OS LUGARES POR ONDE PASSEI, A MULHER QUE ME TORNEI.....	44
<i>Luciane Bresciani Lopes</i>	
CONHECIDAS SURPRESAS.....	51
<i>Luna Andressa Dreher</i>	
MUITO PRAZER, ESSA SOU EU	66
<i>Natália Schleder Rigo</i>	
DE REPENTE, AUTISTA!	88
<i>Maria Cristina Pires Pereira</i>	

**COMO É SER MULHER SURDA, COM TDAH,
QUE ADORA PASSAR BATOM E DAR BEIJOS NOS
OMBROS.....105**

Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

**A DOR DA LÍNGUA E A SABEDORIA SAGRADA DO SER
SURDO. RUFEM OS TAMBORES... ISSO NÃO VAI NO
LATTES!?!..... 112**

Shirley Vilhalva

**CURAR-TE: UM JOGO DE PALAVRAS ENTRE CURAR,
ARTE E CURAR PELA ARTE.....123**

Silvana Aguiar dos Santos

POSFÁCIO.....136

SOBRE AS AUTORAS.....138

Para Adriana Thoma,
mulher que caminhava entre os dois mundos:
o latteano e o não latteano.

*Me pego pensando que somos santas,
observando as coisas acontecerem
e tecendo caminhos.*

*Me pego pensando que somos putas,
cabelos ao vento,
sem medo de se expor.*

*Me pego pensando que somos puras,
sorrindo com graça,
olhos tímidos e, ao mesmo tempo,
faiscantes de quererem.*

*Me pego pensando o que somos,
quem somos,
o que somamos.
Somos tantas,
somos uma;
somos o vento:
livre, mutável,
redemoinho.*

(Emiliana Faria Rosa)

PREFÁCIO

Querid@ leitor@, antes de você iniciar a leitura desse livro, e se deliciar com ele, peço que deixe de lado todos seus pré-conceitos e preconceitos; deixe de lado ideias pré-concebidas sobre as pessoas. “*Mulheres: Vivências e histórias que o Lattes não conta*” é um livro de liberdade, um livro livre de julgamentos. É um livro sobre acolhimento. Acolhimento de pessoas, de momentos e histórias. Histórias que guardamos sempre, mas que precisamos contar. Pinçamos aqui uma história de cada uma, mas somos formadas por muitas e muitas histórias.

A ideia deste livro surgiu com um pé quebrado. Engraçado? Dolorido, eu diria. Do nada cai no chão e quebrei o pé, fiquei meses “de molho”. Analisando, tempos depois, o ocorrido, percebi que a vida, metafórica ou literalmente, me empurrou para que eu parasse e olhasse para mim mesma. Eu estava com ansiedade, não percebia, com pânico, não entendia, com stress, não diferenciava. Eu achava que era só cansaço. Estava esgotada e não conseguia ver. Eu estava doente, precisando cuidar de mim mesma, cuidar da minha vida fora do Lattes, do meio acadêmico e de tudo o que isso envolvia. O diagnóstico, além do pé quebrado, veio junto, ansiedade, pânico, depressão. Um combo, só faltaram as fritas.

Estava eu, num dia perdido de dois mil e dezenove, deitada olhando o pé pensando nisso tudo e... me veio o estalo: por que não convidar mulheres com ótimas histórias para contar e contá-las num livro? A gente escreve sempre com regras, formas, linhas presas nas ABNT de revistas e eventos. Por que não possibilitar a liberdade de cada uma escrever sobre o que quiser, como quiser? Rapidamente anotei tudo isso num caderno que tinha perto, com medo de que a ideia fugisse.

Por muitas vezes conhecemos a professora, a doutora, a mestra, a pesquisadora, a palestrante, mas quem são elas na vida real? Aqui teremos um livro mais do que biográfico, um livro de histórias. Histórias sobre nós, por nós. Uma escrita que valoriza quem somos, como somos, como e o que nos tornamos. Uma escrita sobre nossa multiplicidade, nossos caminhos, nossas diferenças e nossas igualdades. Nós, plurais e singulares. Nós, mulheres. Uma escrita sobre nossos desejos, nossos feitos e desfeitos. Sobre nossas andanças.

Cada um desses caminhos gera uma história. Muitas delas nunca contamos, falta-nos oportunidade. Afinal, todo processo de escrita é uma cura ou uma complicação. Escrever dói? Não, por vezes estamos anestesiadas, em outras a coisa toda flui sem nem sentir. Há, claro, escritas dolorosas. Atire a primeira resma de papel quem nunca sofreu para terminar um artigo acadêmico ou o desenvolvimento de uma dissertação/tese. Escrever livremente é algo que nós, do meio acadêmico, não temos todos os dias. Acredito que as escritas para este artigo foram sentimentos mistos. Acredito também que a possibilidade de escrever de forma livre travou, mesmo que só inicialmente, as mulheres convidadas. Eu, inclusive, fiquei pensando no que escrever.

No e-mail que enviei para convite, lembro que escrevi sobre a necessidade de mostrar que a vida não é só acadêmica. Que a vida flui por muitos lugares e histórias. Sugeri “um capítulo que conte parte de cada história, quem somos e por onde fomos. Que fale de algo que você sempre quis escrever, mas o meio acadêmico ‘não deixa’ por causa de suas regras e roteiros. Um capítulo onde você seja você, que tenha sua essência. Quero mostrar que somos além de nossa versão acadêmica. Que somos além dos moldes do cotidiano e das obrigações acadêmicas de todo dia. O que te constrói fora do meio acadêmico? O que te faz? Quais suas

andanças, quais passos te construíram? O que te move? O que te puxa e empurra para o novo, para a vida?” O resultado desta minha proposta é, exatamente, o que aqui consta: a leitura de algo real, leve e acolhedor.

As mulheres escolhidas para esse livro são mulheres fortes, vindas de muitos caminhos, com muitas histórias, e, sim, com grandes currículos. Enormes experiências, cada qual com sua sabedoria, seus conhecimentos, suas vivências. São mulheres conhecedoras do mundo interno e externo, físico, espiritual, abstrato ou concreto. São mulheres que participam do sagrado universo feminino que nos envolve. São mulheres que nos mostram sobre a vida com um sorriso, uma explicação, uma história, um abraço, um olhar, um enigma, uma indicação.

Agradeço imensamente a estas mulheres que aceitaram participar deste círculo. Sobre os textos? Difícil eu resumir, prefiro que você os leia e se aconchegue neles. Espero que se goste, tanto quanto eu, da leitura deste livro.

Abraços, Emiliana.

**SURDAS, MULHERES, FEMINISTAS,
MÃES E LGBTQIA+:
NOSSOS LUGARES DE FALA**

Carilissa Dall'Alba

Helenne Sanderson

*“E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal
A quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa
Toda forma de amor”*

- Lulu Santos

Que bom estarmos aqui com a possibilidade de escrever sobre nós fora do mundo acadêmico, ou seja, fora da plataforma Lattes, mas confessamos que será complexo escrever sobre nós sem articular a nossa vida acadêmica, já que nós duas somos docentes justamente da nossa língua, a Libras – Língua Brasileira de Sinais.

Aqui falamos duas mulheres surdas que estão juntas, mas cresceram em ambientes praticamente diferentes e contextos distintos. São muito interessantes as nossas diferenças, não as diferenças de pensar e viver, mas sim as vivências que tivemos.

Neste texto usaremos nosso lugar de fala, um mecanismo que é contra o silêncio da voz das minorias. Com esse conceito, as pessoas podem compreender nossas falas e nossos pensamentos. Vamos começar o texto com uma pergunta que recebemos sempre: *Preconceitos, qual deles vocês mais sofrem? Sendo mulheres, surdas ou LGBTQIA+?*

POR SERMOS SURDAS sofremos muitos preconceitos por uma sociedade muito deficiente e capacitista. O preconceito é a pior de todas as deficiências. Vamos lembrar as palavras de Renata Vilella:

‘Deficiente’ é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino (VILELLA, 1990).¹

Apesar da terminologia “deficiente” estar incorreta e ter caído em desuso, Vilella conseguiu explicar bem como a sociedade vive e quer impor praticamente tudo. O termo correto hoje em dia é Pessoa com Deficiência. A sociedade impõe tudo o tempo todo e as pessoas não sabem mais em que acreditar ou aceitar. Percebemos também que o preconceito começa, muitas vezes, em casa, obviamente.

Antes de falar sobre deficiências é necessário explicar os termos de duas palavras muito presentes em nossas vidas: Deficiente e Deficiência. Antes de surdas, somos seres humanos, temos nossas vidas e temos nossos nomes, não somos deficientes. Para o sistema de saúde, nós somos apenas pessoas com deficiência auditiva.

A deficiência quer dizer que há algum impedimento do corpo, não da vida. Nos rotular de deficientes é profundamente pejorativo, porque a palavra quer dizer que você tem deficiência por completo. Na realidade, somos surdas. Fazemos parte da comunidade surda, nossa identidade é surda e integramos uma minoria linguística, somos usuárias da Libras como primeira língua.

Nós somos surdas, eu, Carilissa, nasci surda por causa da rubéola que minha mãe contraiu na gravidez. A Helenne perdeu toda audição depois de passar por uma meningite aos dois anos e meio. É momento de reforçar que, por sermos surdas, é impossível ficar sem falar da nossa surdez ao longo do texto, o nosso ser foi constituído pelas vivências surdas que vivemos diariamente, assim como as identidades surdas. Sobre as identidades surdas:

¹ Segundo o site Recanto das Letras, Mário Quintana não é o autor deste texto. In: Mário Quintana não é o autor de “Deficiências” (recantodasletras.com.br),

Identidades surdas no plural por serem múltiplas. A identidade não é presa a um modelo único, indivisível, pelo contrário, a diversidade dos indivíduos existentes na esfera social predispõe a uma variedade de identidades decorrentes dessas trocas sociais e escolhas pessoais. Identidades surdas são como o ar que sacode as folhas de árvores (ROSA, 2012, p. 21-22).

O principal fator pelo qual formamos nosso ser é a Libras, foi através da língua de sinais que nós nos compreendemos como pessoas surdas, ou seja, somos pessoas com uma diferença linguística. A Libras é reconhecida como meio de comunicação da comunidade surda através da Lei nº 10.436/2002. A lei é recente, mas a comunidade surda tem uma extensa história pelo Brasil, de muitos anos, muitas conquistas e muitos retrocessos, não é recente o preconceito que sofremos todos os dias.

É decepcionante quando não conseguem nos atender ou acreditar na gente. Nós duas aqui sofremos pelo mesmo problema social, tivemos muitas dificuldades de conseguir empregos antes de sermos professoras de Libras, as empresas não queriam que trabalhássemos nos cargos superiores, sempre inferiores, como se fôssemos “empregadas” dos superiores, um desrespeito total.

O mercado de trabalho fica obcecado pela nossa deficiência e esquece que somos seres humanos como todos, esquece que temos habilidades, qualidades e capacidades para fazer a diferença nos empregos. Não dependemos de pessoas ouvintes para nada mesmo. Acontece muitas vezes quando precisamos ir ao hospital, os profissionais ficam nervosos para nos atender, exigem que tragamos uma pessoa ouvinte ou simplesmente nos dão receitas médicas sem explicar o que devemos fazer e cuidar durante os tratamentos. São pouquíssimos médicos que nos olham, escrevem explicações em papéis e conversam com a gente; muitas vezes desistimos de ir às consultas por causa da comunicação, uma preguiça de enfrentar isso, é extremamente exaustivo.

Temos uma filha ouvinte, Sofia, não gostamos de pedir para ela ser nossa intérprete e não permitimos que a sociedade solicite que nossa filha nos auxilie. É a sociedade que deve aprender a se comunicar com as pessoas surdas, por isso chamo a sociedade de deficiente porque o próprio termo já mostra em si que a sociedade é defeituosa.

Quando a sociedade delega para nossa filha a nossa comunicação é como dar o peso da responsabilidade à nossa guria. Nós somos mães, sabemos cuidar da nossa filha e sempre estamos oferecendo memórias afetivas para Sofia, sempre nos preocupamos com isso, damos muita importância às memórias. A responsabilidade é nossa e sem mais, mas a sociedade quer impor e atrapalhar, como somos professoras, bem instruídas e sabemos enfrentar a sociedade, isso nos orgulha muito, pois conseguimos deixar a Sofia totalmente livre. Desde cedo determinamos que a Sofia não traduzisse para nós duas e o resultado é excelente hoje em dia, nossa filha sabe que é a sociedade que deve procurar um meio de comunicação e respeita a nossa condição.

Confesso que tem horas que me bate receios de que a Sofia sofra algum *bullying* por ter mães, duas mulheres e surdas, mas ela já me avisou que se alguém tentar praticar *bullying* com ela, ela vai xingar; ela já tem firmeza e fico tranquila. Sofia vem de um berço de mulheres muito fortes. Ter uma filha ouvinte é incrível, uma Coda (Children of Deaf Adults), que aprendeu desde cedo a se comunicar naturalmente comigo, hoje ela é uma grande amiga das mães.

A Sofia conheceu a Helenne através das conversas online. Nessas conversas elas criaram um elo, já no primeiro encontro a Sofia colocou o prato da Helenne ao lado do dela; foi lindo o primeiro encontro das duas e hoje elas têm uma cumplicidade muito profunda. Nunca precisamos

explicar que a mamãe se relaciona com uma mulher, foi tudo natural. Sofia desenhava sempre nós três juntinhas.

A nossa vida é uma montanha russa, sempre acontece alguma coisa e sempre é agitada. A nossa filha tem uma experiência incrível com duas mães, desde pequena ela participa das palestras, das audiências na câmara de vereadores, em entrevistas de jornais e ela também presenciou momentos difíceis que a fortalece ainda mais.

***Carilissa:** Uma vez, numa madrugada eu tive que correr ao pronto socorro do Hospital da Unimed com a Sofia no colo que estava tossindo sem parar. Um médico, antes de se preocupar com a tosse, pediu se eu tinha alguém ouvinte para chamar! Oi? Chamar? Além disso, o médico me olhou e me disse que eu não podia vir sozinha. Foi bem revoltante esse episódio, eu tenho família que sabe Libras e a minha irmã mais velha é da área da saúde, mesmo assim não dependo deles e não é o papel deles ser responsável pela minha própria filha. Assim que deixei a Sofia na sala da triagem com enfermeiros, fui à sala do médico gritei a ele:*

- Não vou acordar meus familiares, é de madrugada (eu apontando a janela que mostrava a escuridão). Está chovendo lá fora! Eu vim dirigindo correndo! Sou mãe! Sou a mãe da Sofia! Sofia é minha filha!

Todo meu corpo estava tremendo de nervoso, uma enfermeira tão doce veio me abraçar, ela me disse que é mãe também, esse abraço foi muito importante. A enfermeira simplesmente esqueceu que sou surda, esqueceu que sou a Carilissa, só me viu como mãe e fiquei num tempinho chorando, um abraço entre duas mães é um enorme apoio.

A rede de apoio para mães é muito carente, infelizmente. A mesma enfermeira me trouxe um copo de água e depois ficou conversando comigo para eu me tranquilizar enquanto a Sofia tomava o soro. Eu exigi outro médico para minha filha. Assim que o sol raiou, a Sofia já estava melhorzinha, veio outro médico bem-educado e conversou comigo com todo respeito, explicou sobre os remédios e os tratamentos. O referido hospital tem um bom número de funcionários surdos e, mesmo assim, aconteceu isso, impressionante.

De modo geral as empresas contratam os surdos para cumprir a Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência Lei nº 8213/1991, caso não contrate Pessoas com Deficiência as empresas correm o risco de serem multadas, apenas isso, raramente as empresas têm interesse em contratar os surdos. Conheço vários funcionários que possuem graduação em contabilidade, administração e recursos humanos, mas trabalham em cargos muito inferiores e desvalorizados.

Em geral, todas as profissões são importantes, todas, mas quando a pessoa se instrui para trabalhar numa exata área e é contratada para outro cargo é um problema comum, mas em um cargo muito menor do que estudou é desrespeito. “Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” reforça o artigo nº 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Carilissa: Por exemplo, eu queria ser médica, bancária ou jornalista, por conta dos preconceitos desisti dessas profissões. Me formei em Letras/Libras para trabalhar com algo que tem muito a ver com a minha identidade, trabalhar com a Libras, a minha língua e meu lugar de fala. Queria ser médica porque eu

tive muitas internações na infância e adoro o cheiro do hospital, me atrai. Além de que minha irmã mais velha, Carina, coordena um hospital. Cresci vendo-a estudando e trabalhando nos hospitais. O destino me levou a caminhos diferentes e a licenciatura me escolheu, eu posso dizer. Fui ser professora para ajudar os outros, acabei gostando e fico imensamente feliz ao ver as evoluções dos meus alunos, me sinto muito realizada na minha profissão, gosto de jogar sementes aos alunos. Hoje faço parte do quadro de docentes da Universidade Federal de Santa Maria, com muito orgulho.

Helene: *Me graduei em Design Gráfico e nunca consegui um emprego da área da minha formação, sempre me davam um simples estágio com um salário bem baixo ou com promessa de assinar a carteira de trabalho um dia. Ao me mudar ao Rio Grande do Sul, vi que a realidade é diferente no estado gaúcho, o movimento surdo é muito mais forte, tem maiores pesquisas sobre a Educação de Surdos, tem um maior número de doutores surdos e também tem o maior número de escolas de surdos do Brasil. Aqui eu decidi fazer a segunda graduação, o Letras/Libras, no segundo semestre eu já tinha conseguido um emprego como professora de Libras em uma universidade privada e hoje sou professora efetiva da Universidade Estadual de Rio Grande do Sul.*

O preconceito da sociedade nos impõe algumas coisas, por exemplo, desistir de trabalhar no que queríamos antes, desistir de ir às consultas por falta de comunicação ou ainda não tentar conseguir alguma coisa também por falta de comunicação. Hoje, com as modernidades

tecnológicas, conseguimos resolver quase tudo por um simples aparelho telefônico, o celular, uma bela invenção que mudou a vida de muitos. Quando precisamos de alguns serviços, solicitamos pelo *WhatsApp* ou e-mail. Evitamos falar que somos surdas, porque quando avisamos que somos surdas parece que tudo paralisa, as pessoas fogem da gente e isso faz com que percamos todo entusiasmo. Só quando nos veem pessoalmente ou quando mandam os malditos áudios é que avisamos que temos “problemas de audição” para suavizar, digamos.

Isso se enquadra no preconceito, lamentavelmente, para a sociedade parece dizer que temos problemas de audição é menos ofensivo do que dizer que somos surdas. Encontramos soluções para facilitar os dois lados, para nós e para eles. Bom, não vamos nos prolongar sobre o preconceito, de fato o preconceito é apenas um detalhe e não mais forte do que nós.

Nós somos mulheres, mães, feministas, surdas e homossexuais, um coquetel da diversidade, além de termos paixão pelas minorias sociais que nos representam e representamos. Sermos surdas é a principal característica desse coquetel, pois, pela nossa condição, isto é inseparável do nosso ser. Ter a Libras como primeira língua nos faz pensar em como tivemos a vida escolar totalmente diferente:

Carilissa: Eu sempre vivi tudo precocemente, aos oito meses de idade comecei a frequentar a escola de surdos, tenho muito orgulho ter nascido no mesmo dia da Helen Keller, uma surdocega que fez diferença no mundo inteiro, cujo seu nome batiza a escola que foi o meu berço linguístico, a Escola Helen Keller, na qual estudei toda educação básica em Caxias do Sul, minha cidade natal. Além disso, minha tese de doutorado foi justamente sobre esta escola. Diferentemente da Helenne, que somente depois dos 15 anos de idade conheceu a comunidade surda.

Levando em conta estas diferenças de aquisição linguística e escolar, tivemos cenas engraçadas por conta disso. Lá bem no começo do nosso namoro a Helenne estava muito chateada, veio falar comigo que recebeu a notícia, através do pai dela, que ela poderia perder a carteira de motorista por conta das multas de carro e ela não sabia o motivo. Eu expliquei que era simplesmente porque ela cometeu infrações de trânsito. Fomos estudar sobre as multas e vimos que eram por dirigir em alta velocidade, argumentei que cada multa tem uma quantidade de pontos e, juntando muitos pontos, ela poderia perder a carteira. Ela desabafou angustiada que não sabia de nada disso por falta de comunicação com a família. Em outro episódio similar, a Helenne ficou assustada porque sua conta bancária teve grandes descontos, vimos que era por causa do pagamento da fatura do cartão de crédito; tive que explicar como funciona o cartão de crédito. Outra situação foi no ano de eleição, a Helenne ficou me perguntando um monte de coisas sobre história do Brasil e não conseguiu votar porque não sabia que tinha que fazer a transferência de cidade do título eleitoral.

Tudo isso é engraçado em alguns momentos, mas são situações delicadas e tristes por falta de informações anteriores. A medicalização força para afirmar que a Libras traz sérios prejuízos, mas não é real. Isso aqui mostra que eu, Carilissa, nunca tive prejuízos, só aprendi, mas e a Helenne? Ela só teve oportunidade de aprender a Libras depois dos 15 anos e se lamenta porque seus pais seguiram o que os médicos falaram, que se convivesse com a Libras Helenne seria uma pessoa solitária e anormal. Isso é medicalização, os pais não têm culpa, as informações que

os médicos usam manipularam os familiares. Acontece em várias partes do mundo, são várias estratégias da medicalização. Dialogo com Rezende sobre isso:

As estratégias de controle, como o teste da orelhinha, a cirurgia de IC, as terapias e os exercícios de fala, foram institucionalizadas e produzem poder/saber nos espaços específicos para o atendimento de sujeitos surdos, constituindo uma medicalização da surdez. O que produz a anormalidade surda é a visão do surdo como um doente que necessita de implante coclear, isto é, a compreensão da surdez como uma anomalia que precisa ser corrigida e normalizada (REZENDE, 2010, p. 87).

Quando nasce um surdo em uma família, há um estranhamento inicial, visto que a família precisa passar por vários processos para garantir que o surdo tenha uma vida decente. Em alguns casos, entretanto, as relações familiares podem ser prejudicadas pelo modo como os médicos lidam com a surdez, tratando-a como uma enfermidade que precisa de cura e tentando apagar a Libras que é um direito linguístico do surdo.

Quando a criança surda nasce em uma família de ouvintes, é logo dita como um desvio de normalidade, pois é uma criança diferente dos pais. Estes, por sua vez, procuram os profissionais da classe médica, que, com seus discursos normalizadores, legitimam as concepções patológicas dos sujeitos surdos. Assim, a criança surda é marcada como desviante, necessitada de correções por parte da medicina, da reabilitação e de outras práticas sociais. O que mais marca na atualidade é a aliança entre a família e a medicina, e o que se investiga nesta tese é a família como instituição de normalização dos sujeitos surdos (REZENDE, 2010, p. 54).

Nós duas sempre ficamos bem pensativas sobre esses acontecimentos e, realmente, a família que sabe Libras faz toda diferença. A Helenne teve uma aquisição muito tardia da primeira língua e, por isso, perdeu muitas informações na educação básica, além de uma comunicação melhor com a família.

Nós duas sabemos muito bem como é isso, ter a Libras como primeira língua e ter família comunicativa, temos propriedade de falar e estamos no nosso lugar de fala. O conceito do lugar de fala ainda é tímido nas discussões nos tempos atuais, mas está sendo discutido com mais força devido aos movimentos das minorias por conta dos grandes retrocessos do atual governo federal brasileiro.

Queremos trazer a discussão deste conceito que é muito importante para nós que somos surdas, ativistas e estamos no lugar de fala aqui, já que o livro da Professora Emiliana está reunindo mulheres, um momento oportuno para ampliar a força do conceito. Em minha tese de doutorado, eu, Carilissa, consegui dialogar um pouco sobre o lugar de fala:

O lugar de fala é um mecanismo que é contra o silêncio da voz das minorias. Com esse conceito, as pessoas podem compreender as nossas falas. É necessário ter legitimidade, surdo falar por surdo, negro falar por negro, trans falar por trans, índio falar por índio, feministas para mulheres – essas pessoas fazem parte das minorias. Não faz sentido e é desrespeito um homem falar por mulheres nos debates justamente sobre mulheres. Eu mesma, que sou branca, já fui convidada para ministrar uma palestra sobre surdos negros; é claro que recusei, pois não é o meu lugar de fala. A sociedade é muito seletiva, trata as minorias de um modo inferior, e há muita desvalorização, relegando às minorias aos lugares silenciados por falta de condições estruturais e falta de poder. Por isso, o lugar de fala oferece uma visibilidade às pessoas que fazem parte dos grupos minoritários criando vozes, digamos, para estarem no palco (DALL'ALBA, 2020, p. 17).

Mesmo que o termo lugar de fala seja usado com frequência nos dias atuais pelas minorias é raro encontrar uma publicação sobre o lugar de fala das pessoas surdas, portanto aproveito para deixar aqui publicado. Antes de escrever eu dialoguei este conceito com o livro da Djamila Ribeiro, escritora, filósofa e feminista negra. Apresento uma citação que mostra com clareza o que é lugar de fala e como é possível imaginar a situação das pessoas surdas.

Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites (RIBEIRO, 2017, p. 46).

Por isso, nós duas aqui escrevemos sobre nós duas e sabemos muito bem no que estamos falando. Libras é vida, é o nosso combustível. Nunca tive vergonha de ser surda, a Helenne sim, segue um pequeno depoimento dela sobre isso:

***Helenne:** Nos meus quatorze anos de idade passamos, eu e minha família, o Natal e virada do ano no meio do mato em uma lagoa com a família do meu tio, irmão do meu pai. Durante a noite em casa, a grande família ouvinte conversava muito, eu me sentia sozinha e profundamente excluída. Chamei meus pais para o meu quarto e perguntei para eles: Quando eu posso ouvir? Eles não conseguiram me explicar. Fiquei muito triste e revoltada, chorava até cair no chão, por ser surda. Fiquei um tempo no quarto sozinha, bem triste e saí do quarto tentando esquecer que sou surda. Saí do quarto fingindo que eu era ouvinte como todos da casa, eu não aguentava mais ser surda. Isso aconteceu porque eu não conhecia outros surdos. Antes de entrar na comunidade surda eu queria muito ser ouvinte e eu tinha muita vergonha de ser surda. Quando conheci a comunidade surda, imediatamente desisti de querer ouvir. A Língua de Sinais que me salvou.*

A Helenne admite que não tem vergonha de ter tido vergonha de ser surda no passado, seu depoimento ajuda muitos surdos que têm vergonha de serem surdos. Helenne ajudou inúmeros surdos a se descobrirem e voar, já que antes eram prisioneiros da fala, dos aparelhos auditivos e dos implantes cocleares.

Escola e família precisam caminhar juntos. Podemos ver isso no depoimento da Carilissa, abaixo.

Carilissa: Através da minha família, muito comunicativa, fui uma criança muito curiosa, queria saber de tudo e entendia com muita facilidade, sempre fui incluída em tudo. A família me enchia de livros, jornais e gibis me incentivando a leitura e escrita da língua portuguesa, isso é uma grande consequência que carrego até hoje, amo ler e escrever. Meu pai me pegava no colo, saía pelas ruas e mostrava os nomes de tudo, das flores, dos animais, os nomes das ruas e me pedia para falar e escrever o que aprendi no dia, evolui muito com a família, além da escola. Eu queria saber os valores de cada coisa que a minha família comprava e sabia de tudo o que acontecia dentro da casa.

Eu não me sentia diferente, além da família, tinha primos e vizinhos que tentavam comunicar comigo de uma maneira que só nós sabíamos, em especial a prima Andreliça. Uma vez eu e minha saudosa Nonna Santina estávamos no centro e paramos para comer os famosos churros da Avenida Júlio de Castilhos. A senhora do churros disse: “Tadinha da menina que não ouve e é muda”. Minha Nonna toda furiosa me mandou falar umas palavras e me defendia com todo orgulho. A Nonna nunca aprendeu a Libras, mas ela se comunicava comigo a

sua maneira. Por que estou falando disso? Porque toda minha família me agregava de qualquer jeito, sempre me incluía.

As minhas memórias de infância são profundas e afetivas, fui descobrindo muitas coisas com minha curiosidade e fui me constituindo como uma pessoa surda de liderança, só aos sete anos eu fui batizada com o meu sinal por Tibiriçá Manieri, o meu primeiro professor surdo. Eu entrei na escola com apenas oito meses de vida, sou a aluna mais bebê que a escola teve até hoje. Com a chegada do primeiro professor, minha vida simplesmente mudou, me compreendi como pessoa surda e me vi ajudando os outros desde cedo. Ser empática é uma das minhas maiores capacidades.

A liderança vem do berço, a minha mãe foi fundadora do Clube das Mães de surdos da Escola Helen Keller e meu pai foi presidente por muitos anos do Conselho de Pais e Mestres da minha escola, com eles eu participava nas reuniões e ajudava nas organizações, eu amava estar dentro. Fui crescendo como líder surda, com o apoio da família e do professor surdo. Ele me mostrava a vida fora da escola, nos sábados meus pais me deixavam na Sociedade do Surdos de Caxias do Sul, os surdos adultos e idosos ficavam me cuidando e eu os ajudava a ler as cartas, as atas e entre outras coisas que se relacionasse com a língua portuguesa.

A liderança foi crescendo em mim e comecei a organizar movimentos, encontros, eventos e viagens. Quando terminei o ensino fundamental, não existia o ensino médio na Escola Helen Keller, mais uma vez batalhamos e conquistamos o ensino médio pelo governador Olívio Dutra, foi um momento memorável na

minha vida. Eu desde cedo já tinha militância política, minha irmã Carisa ficava traduzindo quando passava os períodos das eleições na televisão e evolui politicamente.

A minha vida é cheia de batalhas, nunca parei de lutar pois a nossa vida surda é cheia de espinhos e pedras, sempre temos que pegar as pedras para construir o nosso castelo surdo e não deixar os espinhos atrapalhar as nossas vidas. Durante o ensino médio consegui concluir também o curso de instrutor promovido pela Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos em Porto Alegre e comecei a trabalhar como professora de Libras bem cedo, antes dos vinte anos de idade mesmo.

A independência é o meu ar, posso correr atrás dos meus sonhos sem preocupar ninguém e, também, trago a possibilidade de ajudar o próximo. Hoje como professora da universidade pública, passei no concurso tão sonhado, estou e sou muito realizada, ou melhor, dou assistência à família, este é o maior resultado da família por me empurrar à independência. Minhas irmãs e primas me ensinaram muito quando eu era pequena sobre as coisas do mundo dos ouvintes, as gírias, os costumes das pessoas ouvintes e eu corria para escola contar aos meus colegas surdos.

Uma cena engraçada: minha irmã Carisa me disse que para ficar grávida é preciso de sexo e me mostrou o livro de ciência sobre a reprodução, ela me explicou tudo bem detalhado mostrando as imagens dos órgãos reprodutores e eu fiquei muito surpresa, eu só tinha 6 anos. No dia seguinte, escondido, peguei o livro de ciência e corri para a escola para contar aos meus colegas. Eles ficaram surpresos e fomos pegos pela professora, foi uma cena muito engraçada, a professora viu que não tinha mais o que esconder, nos explicou mais sobre a gravidez. Eu aprendia

tudo antes do tempo, tudo antes, dei um trabalho danado para família e aos professores. Só aos 27 anos compreendi que tenho TDAH durante as aulas de mestrado na Universidade Federal de Santa Maria. Fui compreendendo sobre as características do TDAH e acabei indo ao psiquiatra para diagnóstico, que foi confirmado. Com o diagnóstico me senti aliviada, porque às vezes eu não me entendia e me achava diferente de todos. Muitas vezes os professores pediam aos meus pais me medicar calmantes para controlar a minha hiperatividade. Graças aos meus pais, que me conheciam bem, nunca aceitaram me medicar, somente me levaram para vários ‘remédios’ naturais: natação, balé, curso de pintura e entre outros cursos que fiz durante a infância e adolescência.

A minha adolescência foi um misto de explosão, minhas amigas se apaixonavam por meninos da escola, eu não, por pressão das colegas/amigas namorei alguns guris, e foi quando finalmente me entendi como uma pessoa que tem atração pela pessoa, não por sexo, homem e mulher, mas a atração por mulheres sempre foi maior e me privei disso por muitos anos com receio de como a comunidade surda iria me compreender, mas não tive nenhuma preocupação com a minha família, pois é bem notável que a minha família tem amor para tudo, acolhe em qualquer momento e sempre tive a total segurança da família.

Quando fiquei grávida da Sofia, foi susto para todos, eu estava na faculdade ainda e trabalhava em várias instituições. Meu pai todo preocupado, me perguntou se eu me casaria, eu respondi que não e ele me rebateu “boa resposta”, ufa! Meu pai me conhece tão bem, me pediu para não abdicar de nada e que eles me ajudariam a criar a Sofia. Eu, uma boa canceriana,

sou apegadíssima à família e amo ter minha filha, mas amar a maternidade não consigo dizer, não consigo romantizar a maternidade, a sociedade cobra muito da mãe e há muita carência de rede de apoio para as mães. Eu sou uma sortuda, tive e ainda tenho uma rede de apoio para me ajudar a cuidar da Sofia, meus pais, minhas irmãs, minhas tias e inclusive as mães das colegas da Sofia.

Tive preocupação com a comunidade surda porque na época não se discutia sobre LGBTQIA+. Uma vez uma professora nos mostrou uma matéria em uma revista, uma história de duas mulheres surdas dos Estados Unidos, casadas que tiveram um filho. Fiquei muito fascinada com a matéria e comecei a me entender melhor. Só não assumi a minha orientação sexual antes porque, a meu ver, na realidade nós não precisamos nos assumir para ninguém, a vida é nossa e basta; heterossexual se assume?

Só souberam da minha orientação sexual quando assumi minha relação com a Helenne, só ela me fez aceitar viver com alguém e quebrou o gelo do meu coração. Eu jamais pensei me casar alguma vez na vida e sempre quis viver sozinha viajando pelo mundo com a filha. Eu não vejo a Helenne como mulher, e sim como uma pessoa, juntas somos um casal muito querido por todos, fico imensamente muito feliz quando outros casais vêm pedir conselhos ou falam que assumiram depois de ver o nosso lindo relacionamento, a gente passa o nosso exemplo aos outros casais, não só aos casais homoafetivos.

Helenne: *Eu sempre cresci diferente da maioria, quando comecei a me interessar por relacionamentos homoafetivos*

foi um grande problema para minha família. O meu pai disse que me tiraria da família e nunca mais os veria, fiquei apavorada, eu era muito imatura e jovem. Por muitos anos escondi os meus relacionamentos, por causa da fala do meu pai, de que eu não pertenceria mais à família. Hoje eu sei que não se pode tirar alguém da família por causa da orientação sexual. Minha mãe me colocou na terapia, com psicólogos, por causa da minha orientação sexual. Por falta de uma comunicação, eu e minha família tivemos muitos conflitos que hoje eu entendo, se houvesse uma comunicação melhor não teríamos as confusões que tivemos. Eles não vieram ao meu casamento, isso me deixou extremamente triste, mas hoje esqueço da tristeza porque vejo que meus pais e minhas irmãs perderam uma oportunidade linda de participar de um momento inédito e único da minha vida.

No começo do namoro com a Carilissa eu tinha muito ciúme dela, por ela ter uma família maravilhosa e unida, e, ainda por cima, comunicativa. Isto porque a minha família me excluiu e ainda me exclui, não fico sabendo das coisas que acontecem na minha família, é triste. A comunicação é a coisa mais importante que existe no universo, a distância não é o problema. Hoje estou curada e mais fortalecida, não importo mais com o que a minha família pensa da gente e a minha família de verdade é Carilissa e Sofia, basta. Me sinto completamente incluída quando converso com meus sogros, cunhadas e sobrinhas, elas sabem Libras. Família de verdade é aquela que une e inclui.

Quando fui morar com a Carilissa eu sabia que seria um desafio para mim, porque, afinal, eu não estava indo apenas começar a vida com a Carilissa, eu sabia que eu teria que ser mãe da

Sofia. Nós duas, eu e Sofia, aprendemos juntas a construir a nossa relação de mãe e filha, não foi difícil, foi lindo e natural, hoje somos grandes amigas e ela me conta bastante coisa. Sofia não nasceu de mim, mas nasceu para mim, sempre digo isso por causa da nossa cumplicidade e amor. A sociedade é muito chata e adora usar rótulos que são desnecessários, as pessoas que tendem a usar rótulos têm baixa autoestima. Muitas vezes nos perguntam qual de nós duas pariu a Sofia, quem faz o papel de pai e quem é de sangue, isso me deixa frustrada. Família verdadeira é aquela unida pelo espírito e não pelo sangue. Eu e Carilissa temos muita sorte, temos rede de apoio, principalmente da família da Carilissa que apoia muito e, inclusive, temos amigos também que ajudam a gente cuidar da Sofia quando precisamos. Ser mãe é um desafio, mas, quando temos a rede de apoio, a maternidade fica mais leve. Como eu disse que não foi difícil meu começo de ser mãe, o difícil foram as minhas diferenças da Carilissa que é uma supermãe, faz tudo acontecer e não conhece o impossível. Já eu, sou mãe com pé no chão, mais exigente e ela uma mãe mais amorosa. Foi difícil eu entender isso, pois na minha infância tive uma mãe muito exigente e pouco amorosa. Eu e Carilissa tivemos contextos distintos em relação à família. Minha sogra é uma mãezona, muito amorosa, a Carilissa teve quem a puxar. Hoje entendo a Carilissa, é preciso de muito amor.

Lembrando da pergunta inicial do artigo, qual maior preconceito que a gente sofre na sociedade, por sermos surdas ou casal homossexual? A resposta continua a mesma, por sermos surdas, porque quando eu comecei a expor o meu relacionamento com a Helenne, a comunidade

surda praticamente nos abraçou e recebemos todo apoio, mas a verdade era que nós estávamos ensinando todos a respeitar e, invisivelmente, ajudamos várias pessoas a se abrirem, se assumirem e a amar livremente não pela orientação sexual, mas apenas seguindo seu coração.

Amar é tão simples e lindo de viver! É de se admirar o nosso amor, nós duas amamos o nosso relacionamento que tem base no diálogo e em sempre lembrar dos motivos que fizeram-nos começar. Amamos a nossa simplicidade, cumplicidade, amizade e a liberdade, respeitando sempre os nossos espaços. Segue um mantra que a gente ama, mas não sabemos quem escreveu: “Não é o amor que sustenta o relacionamento, é o modo de se relacionar que sustenta o amor.”

***Helene:** A minha mãe me disse que nunca viu um casal tão grude e respondi que isso não é um grude, mas sim uma união profunda porque há um grande elo, um amor intenso e porque somos surdas e mulheres, estamos nos nossos lugares de fala e nós duas nos compreendemos muito bem, é totalmente diferente da relação entre homem e mulher. Quando eu estou com minha família, eu não tenho ninguém para conversar em Libras, mas hoje eu tenho a Carilissa para conversar. É a Libras que nos une fortemente e é meu conforto linguístico. Por isso, o diálogo é a maior base de um relacionamento.*

A comunidade surda, que tem o hábito de lidar com a exclusão e o preconceito, nos abraçou com toda força e compreensão. A comunidade surda abraça todos os tipos de surdos sem ficar rotulando, isso é extraordinário, surdo branco com surdo negro, surdo pobre com surdo rico, surdo gay com surdo heterossexual, surdo com instrução com

surdo analfabeto e vai por aí. Infelizmente não posso dizer o mesmo para política, pois a última eleição presidencial provocou uma grande polarização entre surdos da esquerda e surdos da direita.

Assim como com o feminismo, que virou um tema polêmico. Lamentavelmente, antes era natural falar do feminismo, hoje parece perigoso discutir. Somos feministas e tentamos tomar cuidado com quem e como falamos. Todas as mulheres têm toda liberdade que deseja, a sociedade é muito machista, enfrentamos coisas diariamente. Foi justamente por causa do feminismo que nós nos conhecemos através das redes sociais. Helenne participou da Marcha das Vadias em Brasília. Eu mandei uma mensagem a ela e começamos a conversar. A Marcha é um movimento contra a cultura do estupro e da violência, a Helenne foi toda corajosa com um cartaz escrito Surda + Vadia e fez topless com palavra livre, pintada em tinta vermelha no busto.

A acessibilidade para mulheres surdas é muito escassa. Esta necessidade é um dos motivos pelo qual batalho, mulheres surdas merecem respeito em todos os lugares, devo reforçar que em geral a acessibilidade é precária para todos os surdos, mas é pior para mulheres surdas nas questões de saúde, da política e do social.

Quando a mulher surda sofre algum tipo de violência, não existe um centro policial acessível, muito menos no sistema da saúde, antes de sermos surdas somos cidadãs, com todo direito de acesso às instituições públicas, mas infelizmente não temos isso. Não é vitimismo, eu vivo essa situação na pele faz muitos anos ajudando mulheres surdas nas delegacias, nas consultas médicas e entre outros. Eu ajudo porque tenho um bom conhecimento sobre os direitos e não temos intérpretes.

Somos mulheres, somos da resistência e resiliência. Somos bruxas, donas de nós mesmas, de nossos corpos e dos nossos sentimentos. Para a sociedade ser mulher é perigoso, por isso inventaram lá no passado a má índole das bruxas. Os homens têm medo da nossa capacidade que é a de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, o seguir dos nossos sentimentos, principalmente as intuições. Temos acertos e erros, a sociedade fixa os nossos erros e desvaloriza os nossos acertos. Somos bruxas! Que sorte a nossa, somos mulheres! Temos a propriedade de falar por nós mesmas, nosso lugar de fala. Antigamente muitas mulheres foram mortas queimadas por curar as pessoas, os homens tinham medo do poder da cura que as mulheres tinham! Depois do fogo elas nos deixaram um legado, somos a resistência!

Aqui em casa somos três mulheres, não dependemos de homens e nos orgulhamos demais disso. A gente viaja muito pelo país e pelo mundo e notamos culturas diferentes. Uma vez em Manaus/Amazonas a gente estava caminhando de mãos dadas e nossos amigos nos avisaram que lá tem machismo, que era melhor não ficar de mãos dadas. Continuamos com mãos dadas e vimos de perto alguns homens se aproximarem com violência. Que medo! Na Itália, em Roma, o motorista do Uber não parava de olhar pelo retrovisor para nós, principalmente para o decote da Carilissa, sentimos medo por alguns minutos, pedimos para descer já. Ser mulher é perigoso, a gente sabe. Em todo canto do mundo tem machismo, sempre temos que resistir.

Fechamos este texto com o depoimento da Helenne sobre como a necessidade de uma comunicação familiar:

Helene: *Toda minha família é ouvinte, ninguém sabe Libras até hoje e ainda temos grandes empecilhos de comunicação. Muitas vezes eu desisti de contar alguma coisa por medo de que eles não me entendessem e por muitas vezes tivemos afastamentos curtos e longos por falta de entendimento, isso é profundamente triste. Ficar sem comunicação com a família é ruim, o pior é quando não me entendem. Hoje está tudo bem, porque estamos conseguindo nos comunicar por escrito, que é uma valiosa ajuda. Eles se esquecem que sou surda. Anos atrás, uma noite em Brasília, onde eu estava morando com minhas irmãs, eu estava dormindo tranquilamente e fui acordada por elas. Minhas irmãs e nossa mãe estavam muito irritadas pelos latidos de um cachorro na rua. E eu perguntei: O que eu tenho a ver com isso? Para que me acordaram? Esqueceram que sou surda, caralho.*

Uma outra situação foi quando fui para Chapada Diamantina/BA com Carilissa e um casal de amigos. Eu falei para todos que eu nunca tinha ido para Chapada Diamantina antes e que era minha primeira vez. Um tempinho depois eu estava na casa da minha mãe e vi uma foto minha quando eu era pequena na Chapada Diamantina! Fiquei boquiaberta! Isso por quê? Não sabia o nome do lugar e ninguém da família me falou o nome do lugar, faltou comunicação, eu não sabia que eu já tinha ido à Chapada. Triste isso, a família me levava aos lugares e não falava para mim os nomes destes lugares. Além disso, eu também não sabia os nomes das pessoas da família, quem era a tia-avó ou segunda prima. Só fui entender quando eu entrei na idade adulta. Lamentável isso, perdi muitas informações.

Os atos de preconceito sempre vão existir, embora se tenha uma maior visibilidade da Libras hoje no Brasil, o capacitismo continua na prática e nós surdas ainda enfrentamos preconceitos. É uma resistência diária, estamos sempre lutando. Parece que nós mordemos; quando chegamos nos lugares que desconhecem surdos e Libras, as pessoas se assustam. É tão simples aprender a Libras e entender que nós duas somos surdas. Apenas olhar-nos e tentar se comunicar, além disso a sociedade precisa acreditar no potencial dos surdos. Não precisamos de caridade e de benevolência, nós apenas precisamos dos direitos do papel na prática.

Finalizamos este texto com um pedido especial para todas as famílias: procurem uma COMUNICAÇÃO melhor com seus familiares surdos, só assim os surdos se sentirão incluídos. O Brasil tem a Libras como meio legal de comunicação e vários lugares oferecem cursos, não há desculpa. Libras é um investimento legal e necessário para sociedade geral, e deve, incondicionalmente, começar pelas famílias que plantarão uma comunicação melhor aos parentes surdos e à sociedade.

Nós duas queremos agradecer a oportunidade de escrever sobre nós aqui, foi uma tarefa realmente fora do comum, isso porque estamos acostumadas com o mundo acadêmico e escrever o presente texto nos paralisou muitas vezes. Foram meses escrevendo, apagando, escrevendo novamente, bateram várias inseguranças, com orientação da Emiliana conseguimos evoluir. Escrever sobre nós mesmas é nos dar um tapa e puxar o que está adormecido lá bem no fundo do coração.

Eu, Carilissa, quero deixar um agradecimento especial à minha amiga pelo convite para compor o texto deste livro e pela amizade. A vida é bela, conheci a Emiliana em 2004 quando ela não tinha fluência em Libras, hoje, fluente e professora universitária, ela continua, incrivelmente, abrindo caminhos por aí.

Referências

BRASIL, **Lei nº 8213/1991, de 24 de julho de 1991**. Benefícios da Previdência Social. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104108/lei-de-beneficios-da-previdencia-social-lei-8213-91> Acesso em: 29 de maio de 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 29 de maio de 2022.

DALL'ALBA, Carilissa. **Políticas públicas da escola Helen Keller: implementação da Libras, documentos e narrativas**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

REZENDE, P. L. F. **Implante Coclear na Constituição dos sujeitos surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ROSA, E. F. “Identidades surdas: o identificar do surdo na sociedade.” *In*: PERLIN, G.; STUMPF, M. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba: CRV, 2012. p. 21-28.

LEITURA DE MUNDO, LEITURA DA PALAVRA, LEITURA DE SI

Emiliana Faria Rosa

DOI: 10.52788/9786589932628.1-2

Você gostaria de sentar-se para tomar uma xícara de café e ter um pouco de prosa? Uma boa conversa sobre como ler, estar, viver, provar e compreender o mundo. Uma conversa sobre ler o lado de fora e o lado de dentro. Do que? De tudo, do todo, de si.

Que história eu contaria que não está no Lattes? Quem somos fora dele? Do que e como vivemos? Peça para alguém do meio acadêmico se descrever. Provavelmente vai dizer: sou professora da disciplina tal, tantos anos de carreira, comecei na escola ali, depois trabalhei acolá, tenho diploma disso e daquilo. Pessoas do meio acadêmico dificilmente vão chegar se apresentando assim: eu gosto de bolo quentinho com café. Não é uma apresentação que se espere neste meio tão curricular. Vou escrever aqui sobre algo que me motiva, me completa, me alimenta: a literatura.

Aprendi a ler na escola usando a cartilha “Casinha Feliz”. Pelo menos é o que eu lembro. Sou uma rata de biblioteca desde que me entendo por gente. Não estou inventando não. Livros sempre me envolveram. Tenho meus dois primeiros livros guardados até hoje. Lembro que eu adorava a sala de leitura da escola. Era um dos meus cantinhos favoritos. Na escola, cheguei a escrever um livro como atividade extraclasse, lembro que era sobre bruxas. Infelizmente, ele se perdeu. Gostaria de tê-lo. Minha avó paterna tinha uma Enciclopédia Barsa, creio que do ano de 64, em casa. Lá pelos anos 90, eu, além de fazer as atividades escolares usando esses livros, cuidava deles, colava-os e colocava durex para manter as capas nos lugares. Eu adorava abrir a Barsa para ler aleatoriamente sobre coisas, ainda lembro do cheiro da velhice dos livros.

Meu avô materno também tinha coleção de livros em casa, fui lendo aos poucos enquanto crescia. Lembro de, já adolescente ler “O Analista

de Bagé” de Veríssimo. Pasmem, anos e anos depois, adivinhem onde fui morar? Pois é, Bagé. Sabe aqueles livros em fascículos que vinham no jornal? Adivinhe quem se encarregava de buscar o jornal e organizar o livro-fascículos junto com o avô materno? Eu.

Entrar numa livraria e sentir o cheiro de livro novo. Delícia. Entrar em bibliotecas e ver filas e filas de livros. Um santuário. Livros são sempre grandes parceiros e descobri isso bem cedo. Quando fiquei surda, aos onze anos, e era difícil a comunicação com as pessoas, me refugiei nos livros. Eu lia todos os livros que me chegavam nas mãos. Ganhei muitos, me emprestaram tantos outros. Os livros não riam da minha cara quando eu não entendia, os livros não me deixavam sozinha. Os livros me fizeram ter pensamentos bons e diferentes de todos os pensamentos confusos e ansiosos que rondavam minha cabeça naquele tempo. Eu não queria conversar, queria ler. Eu lia tudo e sobre tudo. Uma vez um professor me perguntou se eu lia tudo mesmo, até bula de remédio. Eu sorri. Cheguei em casa e fui procurar uma bula. Li, sorri e pensei que, naquele momento, sim, eu já tinha lido de tudo.

A graduação em Letras (português/literaturas) foi algo muito satisfatório. Mesmo com pilhas e pilhas de textos para ler para as aulas. Estudar sobre literatura foi algo fantástico. Eu me deliciava com as aulas, os textos e as explicações. Minha monografia de fim de curso de graduação foi sobre o prazer e a obrigação de ler. Tudo a ver, né? Continuei estudando depois. Cheguei a prestar prova para fazer o doutorado em literatura, não passei por conta da professora escolhida não se sentir segura de orientar uma surda querendo pesquisar sobre literatura surda. Ela mesma disse. Fiz o doutorado em linguística, como segunda opção.

A leitura de tudo, de textos e do mundo, fluía e eu escrevia. Por mais de dez anos escrevi poemas. Escondia todos. Muitos eu rasguei e pus fora. Não gostamos de tudo o que escrevemos. Em 2017, num momento de coragem insana, publiquei o “Borboletas Poéticas”, meu livro de poesias, tive que revisar quais eu escolheria. Oitenta e dois poemas foram escolhidos, mas porque oitenta e dois? Eu nasci em 82, gente, foi o que usei de base. Nesse revisar para publicar, muita coisa foi descartada. Não se assuste, o processo de escrever é assim mesmo. Escreve, apaga, escreve, apaga, escreve, faz uma bolinha com o papel e atira para as gatas brincarem. Levantamo-nos para fazer um café e voltamos com uma ideia.

Em 2022 escrevi, em meses, o “Crônicas, Memórias e Joelhos Ralados”, pequenas crônicas cotidianas ou de lembranças que apareciam na minha cabeça, completas. Parecia que estava tudo lá, só faltando eu colocar no papel. Foi o que fiz.

Escrevi artigos acadêmicos, escrevi uma monografia, duas na verdade, uma dissertação e uma tese. Além do artigo do pós-doutorado. Porém, minha paixão mesmo é escrever solto, sem normas acadêmicas, sem regras impostas para artigos. Recebi muita bronca de orientadores por conta da poética de meus textos. Acredito que por isso eu fui diminuindo a escrita livre, pela necessidade curricular e acadêmica de escrever enquanto pesquisadora e professora. Diminui tanto que fiquei muito tempo sem escrever uma poesia. Demorei a ver que escrever não-academicamente é algo que eu preciso, para poder continuar a ser quem sou.

Os remédios na caixinha de antidepressivo me olham todo dia, e engulo-os matinalmente. Hoje terei de engolir um diferente, um tarja preta, para ir dar aula, a primeira aula presencial, em muito tempo...

Minha depressão começou bem antes da pandemia que vivemos, assim como minha ansiedade e crises de pânico. Escrever foi uma das terapias que utilizei e utilizo dia após dia. Escrever me puxou para cima de novo, foi a mola do fundo do poço, e continua sendo.

Continua, sim, uma vez que, inevitavelmente, é real a possibilidade de viver tudo de novo, como estou de novo, depois de um ano me sentindo bem, e muito bem. Procuo refúgio nas palavras, abraço textos e escritas. Leituras que me acolhem, que aquecem a alma. Escrevo este texto com lágrimas nos olhos, mas de coração quentinho porque eu sei que todo dia é dia de tentar, de novo, pular na mola e torcer para não escorregar, de novo.

A literatura e, por continuidade, a escrita, para mim é algo vital, que corre pelas veias, que caminha ao meu lado. Escrever é o melhor meio de dividir o que penso. A literatura é uma arte, isso é fato. Para mim, a literatura é a arte do encontro e o escrever é a ponte para este encontro. Preciso escrever para poder caminhar, preciso escrever para poder compreender a mim mesma. A literatura, de mãos dadas com o escrever, é o rio que se move, que irriga os terrenos de tantas andanças. A literatura é a vida lá fora e aqui dentro de mim. O escrever é meu espelho, meu papel, meu lápis apontado.

Demoramos muito para ver o que nos move e o que nos leva. Demoramos para perceber como, e para onde, a vida nos empurra. Demoramos a reconhecer os caminhos, as pedras, as flores. Demoramos a compreender nossos passos. Melhor demorar do que nunca ver. Nada disso estava escrito na Balsa lá da minha infância. Ao invés de colar a capa dos livros com durex, os remendos estão hoje em minha própria pele. Eu leio e vivo minhas próprias histórias.

É preciso ter vida lá fora, e aqui dentro de mim, para que haja vida lá na academia. Somos personagens principais de nossas próprias vidas e muitas vezes esquecemos disso por conta da grande quantidade de trabalho; e, aquela frase, aparentemente clichê, é pura verdade: viver não cabe no Lattes.

OS LUGARES POR ONDE PASSEI, A MULHER QUE ME TORNEI

Luciane Bresciani Lopes

DOI: 10.52788/9786589932628.1-3

Escrever livremente. Escrever sobre mim. Escrever para além do espaço acadêmico. Escrever sobre aquilo que não cabe no meu Currículo Lattes. Só escrever. Parece atividade simples, levando em consideração que algumas palavras já foram escritas, mas escrever um texto na primeira pessoa, que não é um memorial acadêmico ou possui relação com determinado tema de pesquisa, assusta.

Assusta o encontro consigo mesma, assusta pois não há nada entre mim e a folha em branco, é somente eu e ela em um movimento de (auto) análise.

Aceito o desafio de despir-se do “academiquês”, mas nem tanto, organizo a escrita desse texto em paisagens. Sim! Lugares de histórias e de encontro comigo mesma. Eu costumo dizer que eu poderia me aposentar pelos quilômetros rodados e não, necessariamente, pelo tempo de serviço.

Sei também que as mulheres que compõem a escrita desse livro possuem, em sua maioria, essa característica, o movimento e os muitos lugares na produção de cada uma. Assim, as paisagens das minhas histórias são: o Vale; a Serra, o Pampa e a Capital.

Alguém pode dizer: “Ah Lu! Tu vais falar de trabalho!” Não! Vou falar de como me tornei a mulher que sou por causa desses lugares, que fui carregada, em algumas situações, pelo trabalho.

O Vale

Era março de 2009, tudo estava confuso. Eu era uma jovem mulher, com 21 anos, formada há dois anos, com um filho de também dois anos.

Mãe solteira, desempregada, que vivia com meus pais. Uma história parecida com a de muitas mulheres-mães solo, mas é minha, minha história com todas as dificuldades que ainda posso sentir na pele, nos sentimentos enquanto escrevo esse texto.

Minha relação com a língua de sinais, a língua que me salvou, tinha iniciado dois anos antes de março de 2009. Foi essa língua que levou para uma pequena escola de surdos na região do Vale dos Sinos, zona metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O Vale é um lugar muito bonito, de muita natureza, e o local onde a escola foi construída não era diferente. Árvores, pássaros e uma lomba imensa que exigia folego para encarar. Em algumas épocas do ano recebíamos a visita de tucanos nas árvores ao lado da escola.

Eu tinha que pegar o ônibus às 5h45min, no inverno ainda era noite, junto com tantos trabalhadores que faziam o mesmo caminho. Antes de sair de casa deixava a mamadeira pronta para o meu filho e minha mãe assumia o meu lugar, alimentava e levava o pequeno para a creche.

O ônibus me deixava distante da escola, mas o lugar era belo, já tinha contado isso, então a caminhada era prazerosa, menos nos dias de chuva, nesses eu ficava levemente incomodada, mas eram passos de empoderamento, maturidade, libertação. Terapêutico, eu poderia dizer. Depois de um tempo um amigo, que era colega da escola, comprou um carro, e as coisas ficaram melhores.

Nesse momento entendi que quando um cresce, todos crescem.

Aprendi tanto nesse lugar, entendi o meu lugar no mundo. Me descobri professora, intérprete e mulher forte. Diria que esse é um lugar que visito, em pensamento, não tenho conseguido frequentar presencialmente, para lembrar de onde venho.

Perdi minha mãe quando estava trabalhando lá, quase perdi meu filho. Os melhores amigos do mundo, que eu conheci, inicialmente, na condição de colegas, me colocaram no colo, me deram força e reafirmaram, cotidianamente, que eu não estava só. Minha família, também deu força, mas quando alguém, que não precisa dizer ou fazer, toca o teu coração, é necessário exercer a gratidão.

Segundo a geomorfologia, o vale se caracteriza por um tipo de relevo seria um acidente geográfico. Entre montanhas e terrenos mais altos, o vale se entende, se prolonga e se faz importante para alcançar os lugares mais altos.

A passagem por essa paisagem possibilitou compreender que estar ali significava que estava no caminho, onde eu deveria estar para aprender e me (auto)conhecer. Dizem que para ver as montanhas é necessário conhecer os vales.

Entre a Serra e o Pampa

A Serra Gaúcha é uma região muito famosa em todo o território brasileiro. Conhecida pela beleza, pelo frio e pela bela comida. Destaca-se pela altitude, um lugar alto onde podemos ver longe e assim foi constituída a passagem por essa paisagem.

O Pampa, por sua vez, não é um relevo, trata-se de bioma. Mas por aqui é como denominamos as regiões dos campos do sul do Brasil. Imensas faixas de terras planas que parecem nos levar ao infinito.

Optei por contar sobre essas duas paisagens conjuntamente pela relação que as duas desempenharam na minha vida. O tempo cronológico

prega algumas peças, fiquei no Pampa durante um ano, nesse período subia a serra, por isso tão próximos emocionalmente e tão distantes geograficamente.

Cheguei nas alturas pela língua de sinais, não poderia ser diferente, convidada para estar lá por um amigo querido. Trabalhei durante longos anos em que ia e vinha toda semana. Lugar de aprendizado, autoconhecimento e experiência ímpar.

Me constitui docente do ensino superior, vi os anos passarem rapidamente enquanto estudava e trabalhava em outros espaços. O caminho, percorrido semanalmente, era lindo, em alguns momentos solitários.

Eu saía de casa na sexta-feira de tarde, quando estava em Porto Alegre, pegava a estrada para a aula do turno da noite e dormia lá. Acordava cedo no sábado e voltava para a minha família.

Se no Vale aprendi contemplar as montanhas, do alto valorizava o lugar de onde vinha. Entendi que nada acontece por acaso, que todo o processo é complexo e doloroso.

Foi quando estava por lá que precisei mudar a rota algumas vezes. Me reinventar e assumir outras demandas, outras responsabilidades.

Entre as mudanças de rota, chego ao Pampa.

Distante de tudo que tinha como certo, como casa. Uma paisagem que me arrancou de qualquer ideia de normalidade e me fez outra com os outros.

Estar distante 320 km da tua casa, deixando um filho pequeno uma semana inteira para morar de favor em outra cidade pode parecer que tudo deu errado. Como assim? Eu caminhei pelo vale, cheguei no alto daquela montanha e agora tenho que viver nessa imensidão de incertezas?

Sim, é exatamente isso. Mergulhar profundamente em si para entender os planos do Universo.

Confuso.

Assim foram os primeiros meses entre idas e vindas para a minha casa, para a Serra. Da (re)conexão comigo mesma e meu pai. Da revolta por não entender o que se passava, até a entrega. Tudo foi intenso. Tudo foi necessário.

Mulher, mãe, intérprete, professora, filha, sobrinha, esposa... como podemos nos vestir de tantos papéis-personagens ao mesmo tempo? Talvez seja essa a magia de ser o que se é.

Foi preciso aprender a dizer não, lutar pelo que se quer, ou se pensa que se quer, para mudar, e continuar a mudar. É no processo de aceitação e de entrega que a vida se (re)fez e volto para a capital, “de mala e cuia” como costumam dizer por aqui.

“Porto Alegre é demais”

A Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Uma cidade que nunca foi deixada para trás, por vezes foi o meio do caminho. Meu porto seguro, lugar das minhas raízes.

Esse texto também é sobre isso, uma escrita sobre mim, uma escrita para mim. A oportunidade de escrever sobre andanças, sobre a vida que não cabe nos outros textos que compõem os nossos currículos no Lattes, é uma provocação, um desafio, é uma pergunta que ecoa no peito: quem sou eu? O que contar?

Contar sobre Porto Alegre
Um Porto que me é seguro
Uma cidade que me faz Alegre

É sobre isso, é sobre o que tudo isso significa. Entre o Vale, a Serra e o Pampa, Porto Alegre sempre foi certeza. Certeza de lar, certeza de que é esse o meu lugar.

Assim, todos os movimentos tiveram como objetivo a volta para casa, o que foi possível no ano de 2015, quando regresso à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Volto para a UFRGS pois já havia passado, à trabalho ou estudo, algumas vezes por lá, em especial na Faculdade de Educação (FACED). Volto. Mas eu poderia afirmar que sempre soube que esse seria o meu lugar ou, melhor, um dos meus lugares no mundo.

Muito tempo antes de entender o que significava aquele grande prédio azul que surge na frente dos nossos olhos ao sair do Túnel da Conceição, vindo do centro ou de outra região, eu sonhei, eu me vi ali dentro. Eu era muito jovem, nem imaginava do que se tratava.

É interessante que nasci e sempre vi por Porto Alegre, ou seja, aquele gigante sempre estive ali. Quando eu fui convidada, por um grande amigo, para entrar naquele prédio, eu parei bem na frente da porta, sob a sombra da famosa árvore em frente à FACED, e disse: eu sabia que um dia nosso encontro se tornaria possível.

Quem sabe a vida, os deslocamentos, encontros e desencontros sejam isso: a possibilidade de nos tornarmos outras pessoas. Digo que para mim, em uma trajetória marcada por quilômetros, distâncias, saídas para o/s encontro/s, a estrada e os lugares me constituíram pela intensidade de cada experiência.

CONHECIDAS SURPRESAS

Luna Andressa Dreher

DOI: 10.52788/9786589932628.1-4

Quando as luzes se apagam no ashram, é mais fácil ver as estrelas.

Eu passei cinco semanas me sentindo uma presidiária dentro dos limites de um mosteiro indiano, mas fui eu a única responsável por me trancar ali. Ninguém me forçou, embora eu tente colocar a culpa na falta de dinheiro. A maior parte do tempo eu quis avançar no pescoço de todo mundo, mas coisas mágicas às vezes precisam do caos para acontecer.

Todas as noites, as estrelas iluminam os dois prédios de dezesseis andares no meio de uma área rural à beira-mar no Sul da Índia. O Kerala é conhecido por ser a morada da guru Mata Amritanandamay Devi, ou Amma para os íntimos. Em meio a uma natureza exuberante, ergue-se um complexo turístico-espiritual que chegou a receber mais de 30 mil pessoas no aniversário de 60 anos da guru em 2013.

“O que eu tô fazendo aqui?” Me pergunto enquanto meto a mão no prato de alumínio cheio de arroz e vegetais tão condimentados que fazem meu rosto suar. Não tem uma pessoa sã nessa mesa. O povo conta histórias desse lugar que chegam a me arrepiar. Uns dizem que a guru não é guru coisa nenhuma, outros apontam o fanatismo em cada respiração. Difícil saber o que pensar.

É verdade que eu estou desconfortável com as fotos da guru em cada parede, no elevador, no quarto de dormir. E aquela estátua bizarra dela no templo, para quem todo mundo canta às cinco da manhã em sânscrito. E essa comida mais temperada que carne seca nordestina, que me faz pingar nesse prato que meu pai chamaria de gamela se estivesse aqui. Ainda bem que não está.

Não vai rolar passar esse ano na Europa com tão “pouca” grana. Então qual é o país mais barato de ir? Índia! “Beleza, vou passar o máximo de tempo possível lá e uso o resto da grana pra conhecer o resto

do mundo.” Na minha cabeça essa pareceu uma boa ideia. Na minha cabeça eu iria ter dinheiro para tudo, conseguir um trabalho fora e ficar morando na Europa para o resto da vida, ganhando super bem. De onde eu tirei essa ideia, se eu nem gosto do meu trabalho, se me desencantei com o jornalismo, se estou justamente tentando “me encontrar” nessa viagem?

Há anos que eu sentia uma urgência de viajar, uma voz no vento que me chamava cada vez que meus cabelos esvoaçavam. Que dizia que eu tinha algo muito importante para descobrir. Que eu precisava ir. Precisava!

Levanto-me da mesa, vou até o paredão de torneiras e lavo minha gamela de alumínio e minhas mãos que estão encardidas da cúrcuma. Os dedos ficam amarelados por causa do tempero. Pensando bem, essa comida não é ruim. Só é forte. Eu nunca fui acostumada com esse tipo de ardência, de pimenta.

Minha mãe, como boa descendente de italianos, usava apenas alho e cebola na comida. No máximo páprica e cominho de vez em quando, mas ela teve que parar de usar por conta das hemorroidas do meu pai. Não ria.

É muito triste ter hemorroidas. Não pode comer pimenta, especialmente a do reino. Já percebeu que os descendentes de alemães são os que mais têm hemorroidas? Não sei se esse é um dado científico, mas vindo de origem alemã posso dizer que parece que eles andam sempre com o cu apertado, para não deixar a merda sair: florzinha na janela, casa sempre limpa, arrumada, jardim aparado. Pelas aparências eles têm casamentos perfeitos e os casais nunca brigam, os filhos são os mais comportados e só tiram notas excelentes. Enquanto eles fingem ser

mais assépticos que a bailarina, a merda continua lá, querendo sair. Os descendentes de alemães têm altos índices de alcoolismo e suicídio nas famílias - isso sim, tem dados científicos. Dizem que é genético. Sei... Igual as hemorroidas. Será que não tem nada a ver com eles serem criados nessa cultura doida que os obriga a serem perfeitos por fora, mesmo sabendo que carregam merda dentro da barriga igual todos nós?

Por falar em cultura doida, e merda para tudo que é lado, eu continuo nesse ashram, mesmo querendo ir embora todos os dias.

Ashram é uma espécie de mosteiro indiano, a “casa do guru”. Quando uma pessoa na Índia é reconhecida como guru - que para eles seria algo como um professor espiritual - os discípulos começam a frequentar a casa ou local onde aquele guru se encontra. É muito comum eles quererem dedicar a vida para estar junto ao guru, pois acreditam que isso traz a liberação espiritual. Podemos fazer um paralelo com as freiras e frades na religião católica. Porém na prática indiana, você não precisa se tornar um swami - um “padre” - para morar na comunidade do guru.

Esse ashram que eu vim parar aqui na Índia parece mais um *resort* do que qualquer outra coisa. Tem dois prédios gigantes de 14 a 16 andares, um ginásio onde ocorrem os rituais coletivos, um templo que deve ter no mínimo uns 30m x 40m, entre outras construções menores. Do outro lado do rio, a guru construiu uma universidade para a comunidade da região, a partir das doações de seus devotos.

O período das festas de fim de ano é um dos picos de trânsito de pessoas no ashram, cerca de 3.500 ficam alojadas para pernoites e mais de seis mil pessoas passam por aqui durante o dia. É no período entre Natal e Ano Novo que os devotos dos EUA e da Europa chegam em peso. Depois daqui, a guru faz *tour* pela Índia, Ásia e Europa. Em seguida,

passa os meses do verão do hemisfério Norte em seu segundo ashram, na Califórnia.

Tenho que confessar que quando cheguei aqui não descartei a possibilidade de lavagem de dinheiro no melhor (ou pior?) estilo Edir Macedo e Igreja Universal do Reino de Deus.

Lembro de porque eu decidi vir... não é nada glamouroso. Eu fiquei sabendo que esse tipo de lugar existia quando assisti ao filme *Comer, Rezar, Amar* com a Julia Roberts. Sim, é o clichê do clichê. Minha esperança era conhecer um cara gato igual o Javier Bardem quando chegasse em Bali - o que infelizmente nunca aconteceu.

Antes de embarcar, eu já fazia terapia com um naturólogo e morava em Florianópolis. Já tinha dado alguns passos em uma caminhada de conhecimento espiritual e gostava dos óleos essenciais e florais que ele me receitava.

Enfim, eu coloquei na cabeça que queria ir para um ashram. Duas semanas antes de chegar na Índia consegui o contato de uma moça que estava viajando por lá e, por mensagem, ela me disse que estava no ashram da Amma, que era conhecida como “santa do abraço”. Dizia-se que ela abençoava as pessoas ao abraçá-las. Eu tinha acabado de passar por um momento na terapia em que tinha descoberto que eu amava receber abraços - coisa rara até aquele momento nos meus 28 anos de vida.

Uma guru mulher - coisa rara de encontrar na Índia - e que abraçava todo mundo em um país onde mulheres e homens não podem se encostar, a não ser que sejam familiares. Fazia todo sentido para os meus ideais feministas.

É importante ficar claro que, conscientemente, meu objetivo era: gastar pouco e ter um caso com um boy *a la* Javier Bardem. Para depois

ir morar na Europa e virar uma cineasta-documentarista de renome. Juro, meu sonho era ganhar o prêmio cinematográfico Urso de Ouro de Berlim.

Porém, na Índia, coisas acontecem. Coisas mágicas acontecem.

Após cerca de uma semana no ashram, entre me maravilhar com as devoções e querer ir embora todo dia, conheci um casal de estadunidenses que acabara de chegar para uma longa temporada. Eles eram devotos da Amma, a guru em questão, por mais de 20 anos. Já tinham realizado vários retiros na casa deles no Oregon para a comunidade de devotos daquela região. O filho deles - gato pra caralho - me conta que seu quarto de criança tinha sempre dois beliches, porque era comum a mãe alojar mais pessoas na casa semanalmente.

Pode parecer estranho, mas quando vi essa mulher sentada na mesa da janta, eu achei que já a conhecia. Parecia que tinha conversado com ela antes. A sensação de familiaridade era bizarra. Começamos a conversar e ela me disse que, junto com o marido, eles fazem um tipo especial de terapia. O nome dela é Shuba e o dele é Chidambaram, ambos nomes espirituais. A maioria das pessoas aqui ganham o nome espiritual da guru, como parte de uma iniciação.

“Nós lemos a sua mente e te ajudamos a tirar as camadas do seu coração que te impedem de acessar o amor”, me conta. Eles se denominam *spiritual healers* - curandeiros espirituais.

Eu venho de uma família bastante espiritual. Minha mãe recebe mensagens quando alguém está para morrer. Isso sempre foi uma questão na minha casa. Meu bisavô era um curandeiro famoso na comunidade dele e minha avó contava muitas histórias que vivenciou quando morou na casa do tal sogro milagroso.

Ainda assim, a primeira coisa que penso quando a mulher me diz que ela consegue ler mentes é: “coitada, essa moça é esquizofrênica”. Me contaram então que estavam dando sessões gratuitas para quem estava alojado no ashram, segundo eles, como forma de agradecer à Amma pela bênção de eles terem conseguido vir vê-la na Índia. (Eles já tinham visto ela inúmeras vezes nos EUA, mas por algum motivo era importante para eles virem até a Índia.)

Foi ao nascer do dia. Eu tinha passado pela iniciação da meditação I AM, que foi desenvolvida pela Amma, uns dias antes. E tinha terminado um casinho com um moço que conheci pelo ashram. Por algum motivo eu estava me sentindo muito esquisita, e saí para pegar o *chai* gratuito que era distribuído às seis da manhã e às seis da tarde - melhor *chai* que já tomei na vida.

Encontrei Shuba no hall - que na noite anterior tinha cerca de 2 mil pessoas, mas que agora estava deserto. Ela tem uma garrafa térmica na mão e me diz:

- A Amma me disse que era para eu fazer chá de confrei e descer do meu quarto porque tinha alguém que estava precisando de mim.

Os devotos aqui têm essa mania de dizer “a Amma disse para eu fazer tal coisa”, mas na verdade é algo que eles tiram da cabeça deles. É muito raro ela falar com os devotos individualmente. Eu arrisco dizer que eles chamam a intuição deles de Amma, mas isso é debate para em outro momento. Fato é que eu achava isso ridículo e uma forma de se justificar para tudo.

- Eu vi algumas pessoas indo meditar na praia, talvez a pessoa que você deve ajudar esteja por lá? - perguntei à Shuba.

- Não, eu acho que já achei quem está precisando da minha ajuda - ela me disse pegando na minha mão. Senti um frio na barriga.

- Você está tão triste, querida... tão triste - me disse Shuba e eu comecei a chorar.

- Como você faz isso? - perguntei surpresa.

- Eu já te disse, eu posso te ajudar a abrir seu coração.

E o que aconteceu em seguida eu não sei se consigo explicar. Ela começou a falar em voz alta exatamente o que eu estava pensando. E ao mesmo tempo ela intercalava falas dela mesma, porém em outro tom de voz. E o pior era que o tom de voz que ela usava para repetir o meu pensamento saiam em um inglês esquisito, como se ela estivesse traduzindo do português.

Eu fiquei em choque por um minuto, mas logo meus olhos se transformaram em uma cachoeira porque as coisas que ela falava cortavam como bisturi:

- Eu não preciso de vocês. Eu sei que você não precisa, mas você pode me deixar te ajudar. Eu não preciso de ninguém para me ajudar. Eu sei que você não precisa, mas você PODE deixar alguém te ajudar - ela dizia intercalando meus pensamentos com os dela.

A cada duas ou três frases ela fazia sons muito diferentes, parecidos com o que eu fazia nas sessões de bioenergética com meu terapeuta no Brasil. Sons que eu sabia que eram específicos para aterrar, soltar a raiva e a tristeza.

Depois de cerca de 40 minutos entre leitura de pensamento, sons esquisitos e muito choro da minha parte, o espaço começa a encher com pessoas que estavam chegando para tomar o café da manhã.

Subimos para o quarto dela, onde a sessão continuou. Sentamos na cama e dessa vez ela colocou a mão no meu peito e começou a “processar”, como ela disse. Segundo ela, o corpo dela era um canal que

tirava as energias do meu coração que não me serviam mais e enviava essas energias para a terra, onde isso seria transmutado.

Parece difícil de acreditar, mas eu não precisava acreditar, eu podia sentir.

Até que, de repente, ela falou algo que me deu medo de que ela soubesse que eu estava tendo um caso com um mocinho no ashram, pois os relacionamentos eram proibidos. Eu pensei:

- Ela não pode saber que eu fiquei com esse cara.

- O que você não quer que eu saiba? - ela perguntou.

Porém a boca dela não se moveu ao fazer a pergunta. Ela tinha apenas pensado isso. E o som do que eu tinha acabado de pensar voltou como um eco nos meus pensamentos.

- Você também sabe fazer isso! - ela me disse com um grande sorriso

- Eu sabia!

- Isso o quê? - eu perguntei em um misto de ignorância e resistência.

- Você ouviu esse eco, você acabou de ler meu pensamento - ela reiterou.

- Não... - eu disse - deve ser só um engano, algo que conectou aqui. É óbvio que eu não consigo ler pensamentos - rebati tentando convencer a mim mesma que tudo que estava acontecendo era perfeitamente “normal”.

- Querida, você sabe o que você tem que fazer. Não importa o caminho que você escolha, pode ser como jornalista ou varrendo o chão, você sabe que você tem uma missão aqui na Terra. A Amma não se importa se você for jornalista ou se você varrer o chão, o importante é que você cumpra essa missão - Shuba me aconselhou.

- Mas que missão é essa? - perguntei.

- Você está aqui para descobrir. Agora vou limpar as resistências do seu campo para que você acesse essa informação mais facilmente. Apenas sinta o amor da Grande Mãe passando por você. Vai dar tudo certo - concluiu.

E logo depois terminou a sessão e me aconselhou a comer comidas leves e beber muita água nos dias seguintes, além de “ficar comigo mesma”.

—

Dez dias depois, meu mundo já tinha mudado. Muitas coisas aconteceram: eu tinha recebido o abraço da guru, me revoltado, ido embora do ashram, pego uma desintéria e voltado novamente para o ashram em uma viagem de 24h de trem pelo sul da Índia, em jejum, deixando meus intestinos no banheiro e dormindo no chão dos trens e das estações.

Ao chegar de volta ao ashram, me assustei quando pensei: “ufa, finalmente cheguei em casa”.

Como tinha decidido ficar no ashram por mais algumas semanas, resolvi fazer um curso de Reflexologia Podal, ou seja, massagem nos pés. Me irritava muito o quanto as pessoas eram lerdas e não entendiam a professora. Era tão fácil e simples o que ela estava explicando. Tentei ser empática e compreender que aquelas pessoas não entendiam inglês tão bem, por isso demoravam tanto a entender aquele sistema super simples que a professora explicava. Só depois me dei conta que boa parte das estudantes eram dos EUA e do Reino Unido.

Depois do curso, saí pelo ashram com uma bolsinha contendo óleos essenciais e um creme para os pés. Sempre que encontrava um conhecido,

oferecia-me para fazer a massagem, para treinar e adquirir experiência. Eu já tinha feito a iniciação em Reiki alguns anos antes, mas não segui com a prática. De qualquer forma, eu sabia que precisava me conectar e me proteger ao abrir e fechar o campo energético.

Algo começou a chamar minha atenção. A maioria das pessoas que eu fazia massagem dormiam durante a sessão. Um colega me disse que após a sessão compôs uma música, depois de meses de bloqueio criativo. Outra amiga disse que conseguiu chorar e ficar tranquila depois de dias de ansiedade.

Até que fiz massagem nos pés do Chidambaram e ele me disse que eu tinha mãos mágicas. No mesmo instante me veio uma memória: eu criança, com uns oito anos, passando um creme de massagem no joelho da minha avó alemã - a *oma*. E ela dizendo para a minha mãe que tinha que ser eu a fazer a massagem porque eu tinha mãos mágicas.

Depois da massagem, Chi - porque até nomes espirituais têm apelidos - me convidou para um workshop que ele e a Shuba dariam dali a dois dias, em que eles iriam ensinar a aplicar o método de cura que eles usavam. E pelo que ele sentiu na massagem ele acreditava que eu poderia aprender facilmente.

—

Cheguei ao workshop e havia cerca de 35 pessoas. Algumas eram conhecidas, do círculo de amigos que fomos formando no ashram. Após alguns exercícios de percepção corporal, Shuba e Chi iniciaram a explicação. Sentamos em roda e eles passariam por cada um de nós, fazendo a “limpeza” - a sessão de conexão, leitura de mente e aterramento das camadas emocionais que estariam impedindo o livre fluir da energia.

Todos os participantes deveriam tentar conectar com os sentimentos e emoções da pessoa que o casal estivesse atendendo e, aos poucos,

ir aprendendo a conectar e diferenciar quais as diferentes emoções e necessidades surgiam.

Se a energia que vinha à tona era de raiva, Chi pedia a todos que apertassem os dentes e soltassem o som de “R”, parecido com um rosnado de cachorro. Se a energia que vinha à tona era medo, eles indicavam que “batêssemos queixo”. Quando a energia que vinha à tona era amor, deveríamos expressar a letra “A” aguda em voz alta.

E assim foram passando um a um os participantes, diversos tipos de energia apareciam. Eles passavam cerca de um minuto com cada um, duas ou três camadas de sentimentos apareciam, eram limpas e seguiam para o próximo participante.

Eu era talvez a décima pessoa a ser atendida. Lá pela sexta pessoa eu notei que eu antecipava qual seria o próximo barulho necessário para a limpeza segundos antes de Shuba e Chi. Me peguei iniciando um barulho antes deles - sem querer - ao qual eles seguiram.

Finalmente chegou minha vez, e naquele ponto eu já tinha recebido duas sessões individuais da Shuba, eu sabia exatamente como funcionava, então estava confiante. Shuba sorriu para mim e pediu para empurrá-la, enquanto ela se forçava contra mim. Na sessão anterior ela tinha me explicado que fazia isso quando identificava uma camada de resistência da pessoa. A ideia deles era “gastar” aquela energia até que ela “terminasse”. Shuba começou a forçar mais o corpo e eu tinha que fazer mais força para empurrá-la.

Sentia meus braços começando a ficar cansados, ouvi Chi, que ficava nas costas de quem eles estavam atendendo, processando alguma outra emoção que começava a vir à tona. Foi quando eu fechei os olhos e por um milissegundo parecia que nada existia. Eu me ouvi berrando muito alto. Não sei por quanto tempo. Só entendi que de fato o som

havia saído da minha boca quando voltei a abrir os olhos. Aquele grito saiu de algum lugar que era de além do meu corpo, não sei explicar. Shuba sorriu. E logo veio uma nova camada de medo, misturada com amor. Ela processou mais um pouco e passou para a próxima pessoa.

Segui ajudando a processar emoções das pessoas depois de mim, mas logo me senti cansada. Me deitei no chão atrás da minha cadeira e minhas mãos se retorciam contra minha vontade. Mesmo assim, eu seguia tranquila. Eu já tinha tido uma reação parecida em uma sessão de bioenergética com meu terapeuta, logo, aquilo me pareceu completamente “normal”.

Depois de fazer a rodada de atendimento em todos os participantes, eles pediram para que cada um contasse como foi a sua experiência. Uma pessoa antes de mim comentou que quando me ouviu gritar ficou assustada e sentiu que algo estava diferente. Achei engraçado, “as pessoas se assustam com tão pouco”, pensei.

Falei como foi a minha experiência, que eu senti que alguma energia se moveu, mas que eu não conseguia entender o que era ainda. E tive que me deitar de novo, pois parecia que eu estava muito “mole” para ficar sentada. Como se minha coluna tivesse virado chiclete.

Três cadeiras depois de mim, uma moça desabafou sobre estar se sentindo frustrada por não conseguir se conectar no exercício.

- Até chegar na moça que gritou - ela disse - depois disso eu comecei a sentir cada uma das emoções que vocês indicavam.

Eu ri. “O povo tomou um susto com meu berro”, pensei. Acordou o pessoal que estava distraído.

- Eu estava me sentindo ansiosa há uns dois dias, fiz meditação e yoga e nada ajudava. Vim para esse workshop por causa disso. Quando começaram a fazer as limpezas parecia que minha ansiedade estava

aumentando. Até chegar na moça que gritou. Parece que minha ansiedade foi embora junto com o grito dela - ouvi de longe uma outra moça falar.

Achei estranho, perguntei ao amigo que estava sentado ao meu lado se a moça realmente estava falando de mim. Ele confirmou e adicionou:

- Sim, acho que a energia mudou depois de você.

As pessoas continuaram contando suas experiências e “a moça do grito” foi citada mais algumas vezes para indicar o momento em que as pessoas se sentiram melhores ou aliviadas de coisas que carregavam consigo há mais tempo.

Eu achei tudo aquilo engraçado, pensei comigo que as pessoas são muito impressionáveis.

Ao final do trabalho, o casal Shuba e Chi foram abordados por muitas pessoas curiosas com o trabalho deles, e eu estava morrendo de fome. Vi dois dos meus amigos saindo da sala - um russo e um croata - e fui com eles pois sempre almoçávamos juntos. Conversamos no corredor e eles comentaram a mesma coisa que as pessoas da roda.

- Como você fez aquilo? Foi muito irado! - um deles disse com olhos curiosos.

- Ah, acho que foi só uma liberação. Estou me sentindo bem mais leve agora - respondi - e morta de fome!

No almoço, repeti três vezes. Acho que não comia tanto desde a adolescência.

Quando ia saindo, vi Shuba vindo na minha direção com um grande sorriso.

- Você está bem? - ela me perguntou.

- Claro - respondi-me sentindo mais leve.

- Eu sabia que você era uma xamã. Eu sabia! - ela cantarolou.

- Ahn? Como assim? - perguntei - acho que você deve estar meio “fora da casinha” por causa do trabalho. Eu sou jornalista, já te falei.

Ela então olhou fundo nos meus olhos, colocou as pequenas mãos nos meus ombros largos, me chacoalhou de leve e disse pausadamente:

- Você. é. uma xamã.

Eu fiquei atordoada. Parecia o meme da Nazaré fazendo cálculos. Parte de mim dizia que aquela mulher era louca e que nada daquilo fazia sentido. Outra parte de mim fazia meu corpo relaxar e dizia “Finalmente! Agora vai!”.

- Já conversei com o Chi e vamos fazer uma sessão para abrir os chacras das suas mãos para que você tenha mais potência na sua massagem. Fiquei tão feliz que você finalmente se assumiu - disse Shuba do meio do meu atordoamento

E saiu dizendo que tinha um compromisso.

Eu fiquei no meio do salão principal, duas mil pessoas ao meu redor. O tempo parou novamente. Até que o ar entrou nos meus pulmões e, junto com ele, uma certeza: eu havia encontrado o que tinha ido buscar.



MUITO PRAZER, ESSA SOU EU

Essa é parte da minha história.
E eu meio que funciono assim.

Natália Schleder Rigo



Olá, muito prazer.
Meu nome é Natália.
Natália Schleder Rigo.
Uma mistura de alemão (mãe) com italiano (pai).
Mas, pode me chamar de Nati Rigo como todo mundo.
Esse é meu nome.

Fui convidada pela Emiliana para escrever este capítulo para o livro que tens em mãos.
Esse convite chegou para mim num momento singular.
Num período pós-pandêmico, de tristezas e recomeços.
Tempo de resiliência e resgate de mim mesma.
Retomada de vida após a conclusão do doutorado.
Momento de introspecção e busca por autoconhecimento.
Tempo de autoamor e autocura.

Pensei em escrever esse texto de inúmeras formas.
Aliás, o escrevi de inúmeras formas.
Tive mais de dez versões deste texto. Todas inacabadas.
Escrevi e reescrevi tantas vezes que me perdi.
Como sempre acontece...
Produzi muito mais páginas do que era preciso.
Distraí-me incontáveis vezes.
E, em meio a tantas coisas a dizer, bloqueei outras tantas.

Para alguns, é fácil escrever sobre si. Para outros, difícil ou quase impossível.

Para mim, a dificuldade não está no ato de escrever ou na falta do que dizer.

Está em não conseguir pisar no freio,
e não me distrair facilmente.

Em me desmotivar com uma ideia e ficar demasiadamente fixada em tantas novas.

Minha dificuldade está também em me perder no tempo.

Afinal, tenho dificuldades para discernir 5 de 15 minutos (acreditem se quiserem!)

É por essas e outras que, hoje, minha casa tem relógios por todos os lados.

É eu sou assim. Eu meio que funciono assim...

A versão que escolhi e que consegui finalizaré essa que tens em mãos.

A que também reflete meu lado redundante e nada objetivo.

A que transparece minha real dificuldade de seguir até um ponto de chegada.

Este texto, por isso, tem um tanto de idas e vindas.

Pode parecer redundante e confuso.

E ainda que eu tenha o revisado e tentado organizá-lo, ele meio que sou eu.

Reflete talvez minha forma de pensar e trilhos de divagação.

Com vários parênteses pelo caminho.

Mas, eis que finalmente e com bastante atraso (desculpe,

Emi!), finalizei.

Terminei o texto e, aleluia, me encorajei a entregá-lo.

Eu te desejo uma boa leitura!

Bem, comecemos pelo começo...

Dei boas-vindas à primavera numa tarde de terça-feira.

Nasci em uma cidade de paisagem urbana, no interior do RS.

Foi no dia 18 de setembro de 1984, ano do final das Diretas Já.

Quando *I Just Called to Say I Love You* de Stevie Wonder bombava na rádio.

Faço 38 primaveras este ano. Ainda que minha disposição seja de 30 ou menos.

Sim, sou virginiana. Nunca fiz um mapa astral sério e não leio horóscopo.

Na verdade, nem sei pronunciar direito essa palavra.

Sempre falo errado: “horóspoco”, assim como: “sargitário”.

Compartilho minha vida com outro virginiano, nascido uma semana antes de mim.

O Rodrigo. Meu marido, esposo, noivo, namorado, parceiro.

Cônjuge, companheiro, amigo, cúmplice, amante, consorte (muita!).

Enfim, como quiseres chamar.

Sim, somos dois virginianos que convivem há 15 anos.

Detalhistas, auto exigentes, perfeccionistas e metódicos.

Aliás, mencionar isso não significa que eu faça parte da

“desilusão cultural em massa de que a aparente posição do sol, em relação às constelações na hora do nascimento de uma pessoa, afeta sua personalidade de alguma forma”, como diz *Sheldon Cooper* da série *The Big Bang Theory* (amo!)

Mentira. É claro que significa.

Faço parte sim.

Sou uma mulher cisgênero, branca, ouvinte, sem deficiência.

Dentro (e ao mesmo tempo fora) dos padrões.

Neurodivergente e em constante descoberta de mim mesma.

Nasci cheia de privilégios, ainda que sofra as mazelas de uma sociedade machista, sexista, gordofóbica, heteronormativa e neurotípica.

No momento, me defino como agnóstica.

Não acredito em pseudociências e tenho um pouco de resistência com algumas crenças, sobretudo, por traumas de infância. Tentativas frustradas de me fazerem entender o porquê minha irmã mais velha morreu de um câncer agressivo e fulminante quando eu era apenas uma menina de 12 anos.

Como diz a poeta Amanda Lovelace:

“Eu não deveria ficar mais velha do que minha irmã mais velha”.

Sob ponto de vista histórico, cultural e artístico, sou admiradora das religiões.

E de todas as formas de manifestação religiosa que acompanharam a humanidade.

Tenho fascínio pela fé do ser humano e, também, como

ideias do tipo: propósito divino e vida após a morte, podem ser acolhedoras, servirem de consolo e confortarem alguém na mais profunda dor do luto.

Também me fascina todas as figuras religiosas e suas simbologias criadas pelo homem: anjos, santos, deuses e demônios (esses últimos, meus favoritos. Me julguem!)

Sou a favor da liberdade religiosa, claro.

Mas, principalmente, da liberdade do ser humano ser, existir e amar à sua maneira.

Sou militante pelo Estado verdadeiramente laico.

E, naturalmente, contra radicalismos, fanatismos e fundamentalismo religioso.

No que eu acredito? Na ciência. Nas pessoas. Na humanidade.

No respeito, na gentileza. Na não violência e no poder do amor.

Sou mulher brasileira e latina, com orgulho.

Sulista, riograndense, residente da *trintaporcentolândia*.

Aliás, faço parte dos 89 milhões de pessoas que não apertaram 17 nas urnas em 2018.

Tenho paciência com pessoas conservadoras, mas não com aquelas que simpatizam com ideias fascistas.

Como disse, sou gaúcha. Mas, não bairrista, tampouco separatista.

Passofundense sem “faca-na-bota”. Mas, do tipo: “não tá morto quem luta e quem peleia”.

Ainda que tenha perdido um pouco do meu sotaque depois que mudei pra SC, “bah”, “tchê”, “barbaridade”, “capaz” e “bem capaz”, ainda fazem parte do meu vocabulário.

Moro na bela Ilha da Magia, cidade de Florianópolis,
há 13 anos.

Atualmente resido num sobrado branco pequeno,
aconchegante.

De muros de vidros refletivos fumê (que chiqueza!) e paredes
coloridas na sala.

Tenho algumas plantas que estou aprendendo a cuidar e não
matar afogadas.

Minha casa fica pertinho da praia. Entre a Lagoa Pequena e o
Pico da Cruz, Rio Tavares.

Para chegar até a praia e encontrar o *mar* (meu fiel
companheiro, com quem sempre converso e me acalmo em
dias difíceis), passo por uma trilha verde de natureza nativa.
Uma trilha que mais parece um caminho secreto que leva ao
paraíso.

E leva mesmo: ao nosso paraíso. Nosso “pátio de casa” como
costumo dizer.

Nossa casinha tem um espaço verde (pequeno) ao lado e na
frente.

Uma pata-de-elefante desenha a vidraça da escada quando se
encontra com o sol.

Há uma faixa de grama que não tem jeito de conseguirmos
manter verdinha

Aquele clássico dilema, e coisa que todo jardineiro nos diz:

Ou você tem uma casa com jardim ou uma casa com
cachorro. Escolhe!

Vivemos nessa casa há 5 anos, junto com nosso menino Paul. Aliás, “menino” é modo de dizer. Paul é um pastor alemão bem grandão.

De pelo marrom avermelhado. Lindo e inteligente. Nosso anjo-de-guarda.

Obediente e protetor. Uma “máquina de última geração” como uma vez disse o treinador. Aprende tudo numa velocidade absurda.

Ah sim, o nome dele vem de Paul McCartney.

E isso já dá indícios do quanto sou fã de Beatles.

Como todo o cão é reflexo do dono, Paul é um cachorro também metódico e exigente.

Todo santo dia, quando bate no relógio a hora sagrada de brincar de bolinha, ele nos arrasta para fora. Nos chama, nos puxa, choraminga e só falta falar para nos convencer de que é hora de sair para correr no grande terreno ao lado, onde gasta toda a energia acumulada de um cachorro jovem de 35kg.

Conosco, morava também a Mumu.

Uma salsichinha cor de “mumu” (doce-de-leite em *gauchês*).

Ganhamos a Mumu do nosso amigo Mário Augusto.

Fui até o Piauí buscá-la de avião em pleno “b-r-o-bró”, período mais quente do ano.

(Conhece o inferno? Pois é. Teresina em dezembro!)

Nossa *princesa* nordestina acabou morando conosco apenas um ano.

Logo meus pais a conheceram e se apaixonaram.
Levaram-na morar com eles e passar frio no inverno gaúcho.
Para quem não me conhece pessoalmente, deixe-me
autodescrever...

Tenho cabelo castanho claro, ralo. Fino e liso.
Daqueles que não segura penteado de festa.
Meu cabelo já foi colorido (azul, rosa, roxo) e descolorido
(loiro de farmácia).
Já foi curto, médio e hoje mantenho comprido.
Sempre, ou quase sempre, usei franja.
Sempre, e dessa vez sempre mesmo, cortada por mim mesma:
torta e curta demais.

Eu gosto de mudar o cabelo de tempos em tempos.
Assim como a disposição dos móveis de casa, as cores das
paredes, os ares.
Gosto de mudanças, aliás. Não sou uma pessoa de constâncias.
Sou mesmo assim: inconstante, instável e, também,
imprevisível.
Tenho sobrancelhas finas, boca pequena e um nariz todo padrão.
Isso porque submeti o coitadinho à uma rinoplastia em 2009.
Ele era um nariz de presença (para não dizer grande e torto).
De personalidade.
Algumas pessoas até tentaram me convencer disso na época.
Mas só fui reconhecer bem mais tarde, depois de ele já ter
“entrado pra faca”.
Tenho olhos grandes, fundos e verdes.

Uma vez, quando criança, ouvi uma menina dizer assim para mim:
“Sai com esse *olho gordo* daqui!”.

Passei bom tempo achando que meu olho era obeso.

Acho que porque fui ensinada a ter complexo do meu corpo fora dos padrões.

Meu apelido de infância na família? “Goda”.

Bom, isso explica muita coisa...

Na época da novela *Pedra Sobre Pedra* me chamavam de *Mariana Batista*.

Personagem da atriz Adriana Esteves.

Sempre tive o rosto redondo e bochechas proeminentes.

Bochechas que, novamente, só passei a gostar depois de adulta.

Inclusive elas também foram submetidas à um procedimento estético.

Uma *bichectomia*. Tamanho era meu complexo com o tamanho delas.

Eu era uma criança fofa, toda linda e sempre inquieta.

(Quando não estava dançando, estava dançando!)

Fui me dar conta das minhas características físicas que me fazem única e linda há pouco tempo. Passei anos da adolescência, da juventude e mesmo da fase adulta, negando minha personalidade. Meus atributos físicos, minhas características, meu biotipo.

Desprezando e querendo mudar tudo aquilo que me faz ser exatamente o que sou.

Passei por questões profundas de baixa autoestima e de não autoaceitação.

Sim. Fui uma menina, uma adolescente, e ainda sou uma

jovem mulher com constantes crises de insegurança e insatisfações com meu corpo, imagem pessoal e aparência. Não à toa que faço parte dos 95% de mulheres com problemas de baixa autoestima, distorção de imagem e pensamentos disfuncionais gerados por (o)pressões estéticas. Submetidas à ditadura da beleza, da magreza e da busca por uma inalcançável juventude eterna. Mulheres que se maltratam com comparações injustas, julgamentos constantes, rivalidades femininas e exigências absurdas. Ideais de beleza e de comportamento dos outros projetados em nós, e tentativas fracassadas de se manter em padrões irreais.

É, essa sou bem eu. E sou assim mesmo: insegura, complexada, em busca de desconstrução, amor-próprio e, é claro, feminista!

Mas, mudando de assunto, deixe-me falar um pouco sobre minha trajetória...

A arte sempre esteve presente na minha vida.

Quando criança, via e imitava meu irmão desenhar.

Observava encantada minha tia Gina (*in memoriam*) pintar suas aquarelas.

Fazia aulas de jazz com minha irmã Gabi (*in memoriam*).

Pulava de felicidade quando, no colégio, íamos assistir teatro no salão.

Enquanto criança ouvinte, tive incontáveis privilégios.
Nasci num lar de pessoas ouvintes que sempre se comunicaram em português comigo.
Não fui privada da minha língua materna. Tampouco tive prejuízos na aquisição da L1.
Tive privilégios linguísticos e de alfabetização em escolas particulares.
Acesso pleno à informação, ao conhecimento e às artes.
Privilégios, e pontos de partida, que hoje reconheço mais do que nunca.

Meu interesse pelas artes me acompanhou da infância até a fase adulta.
Aos 17 anos ingressei na primeira faculdade e passei a cursar Artes Plásticas.
Durante esse tempo fui bolsista do museu de artes visuais da minha cidade.
Também trabalhei como estagiária, ministrando aulas de artes, teatro e dança.

Recém-formada, passando a vivenciar novas experiências de ensino, passei a me dar conta de outros tantos universos que se apresentavam diante de mim.
Comecei a ressignificar meu entendimento sobre arte e arte-educação.

Principalmente sobre o direito à arte e à cultura.
Despertei-me nessa época para a questão da diversidade, da inclusão e justiça social.

Esse despertar foi diretamente influenciado pelo meu envolvimento com amigos da associação de cegos de Passo Fundo. E, mais tarde, intensificado com meu aprendizado de Libras e envolvimento com a comunidade surda.

Apaixonada pela língua de sinais, tal como acontece com muitos aprendizes, passei a frequentar a associação de surdos. Foi onde conheci o Rodrigo, meu companheiro. Quem muito me ensinou e me incentivou desde então.

Com inúmeras portas e janelas se abrindo, comecei a trabalhar como TILS.

Bastante empolgada com esse novo universo que me foi presenteado, decidi fazer vestibular e ingressar no curso de Letras-Libras da UFSC.

Ao mudar para Florianópolis, comecei a trilhar meu caminho pela área das Letras.

Mas, sempre mantendo um dos meus pés insistentemente nas Artes.

Assim, busquei formas de unir academicamente e profissionalmente minhas duas grandes áreas de formação e paixão: Artes e Libras.

Em 2010 ingressei no mestrado, na PGET, UFSC. Escolhi como tema de pesquisa a atuação de TILS no contexto

artístico, com foco em performances de música em Libras. Foi nessa mesma época que o teatro voltou a estar presente na minha vida.

Como TILS, atuando em espetáculos pontuais, e como bonequeira principiante.

Passei então a experimentar as possibilidades da Libras no Teatro de Bonecos.

Esse assunto ficou tão latente na época a ponto de eu arriscar propor para meu orientador de mestrado mudar de tema.

Propus a ele começar uma pesquisa do zero sobre Teatro de Bonecos em Libras.

Evidentemente que o Prof. Markus Weininger (querido e sensato!) não concordou com aquela ideia maluca e repentina.

Afinal, eu estava com a dissertação sobre música encaminhada.

Terminei a pesquisa e defendi pouco tempo depois.

Porém, permaneci empolgada com os bonecos.

Se eu não poderia pesquisar na academia sobre eles naquele momento, iria pesquisar artisticamente. Experimentar, criar, produzir e documentar.

De lá para cá mantive um trabalho voltado para o que denominei de *Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS)*.

Foi então que em 2015, passei a fazer parte do espetáculo 1717 da cia Dois Pontos.

Já com vontade de ingressar no doutorado e, na oportunidade do período de seleção da PGET, bastante envolvida com esse espetáculo, meu pré-projeto de pesquisa versou sobre dança e Libras (*signdance*).

Ingressei no doutorado com esse projeto aprovado pela Prof. Rachel Sutton-Spence.

No entanto, bastou eu me envolver novamente com o FITA Floripa (um festival de Teatro de Animação que acontece em Florianópolis) que logo me peguei questionando:

- Por que cargas d'água você não escreveu um pré-projeto sobre teatro de bonecos para esse doutorado, senhorita Natália? Afinal, era um assunto que vinha me acompanhando desde sempre.

Decidi reescrever meu projeto. Reelaborei todo ele.

Temendo receber um “não”, tomei coragem e o apresentei para a Prof.^a Rachel.

Para minha sorte e felicidade, ela adorou o tema. Se apaixonou comigo pelos bonecos.

Foi após uma longa trajetória de formação universitária, somada a tantos momentos de experiências artísticas e acadêmicas, disciplinas, encontros de orientação, eventos, publicações, bancas, que cheguei até a conclusão e defesa de minha tese em 2020.

Um trabalho acadêmico que foi produzido em diferentes etapas, distintas maneiras.

E com vários estados de espírito. Ora com desânimo e esgotamento mental e emocional, ora com energia e empolgação. Mas, sempre com muita paixão e apreço pelo assunto.

Dentre inúmeras coisas que aprendi na minha jornada acadêmica uma delas posso trazer como conselho: pesquise aquilo que tenha paixão. Aquilo que te move. Que lhe faça brilhar os olhos. Que te toque profundamente.

Escolha como tema de pesquisa um assunto que lhe faça sentido. Que lhe faça sentir.

Afinal, *se faz sentir, faz sentido.*

A maioria das páginas da minha tese de doutorado foi produzida durante conturbado período de ventanias e tempestades. Uma fase extremamente difícil.

Depois de 1996, período em que perdi minha irmã, talvez esse tenha sido o período mais complicado que enfrentei em minha vida.

Período esse que coincidiu (e foi intensificado) pela pandemia mundial.

Pelo distanciamento da família, isolamento social, incertezas e medos. Muitos medos.

Medos de, mais uma vez, minha família se despedaçar com a perda de alguém.

Foram tempos de tristeza e desesperança.
Além da pandemia, a séria crise ética, econômica e política no Brasil.

Negacionismo, desrespeito com a ciência e com as universidades pelo atual desgoverno. Mais de seiscentas mil mortes pelo Covid-19.
Tudo o que afetou profundamente, e ainda afeta, a todos de diferentes maneiras.

Lembro-me bem do dia que enviei minha tese para a banca. Ela estava feita, embora nada “perfeita” (santo perfeccionismo!).
Estava cheia de problemas e não tinha sido revisada.
Foi uma manhã, e eu estava a 48 horas acordada tentando fazer os ajustes que conseguia. Não tinha mais prazo. Não tinha mais tempo (ah, tempo, tempo, mano velho!)
Eu tinha que entregar, de uma forma ou de outra.

Quando encaminhei o e-mail com a tese anexada para banca, lembro de entrar em crise.
Não foram poucas as crises de pânico e de ansiedade que me acompanharam ao longo do mestrado e do doutorado.
Comecei a chorar compulsivamente.
Só parei quando peguei no sono. No outro dia, senti um misto de alívio e culpa.
Tamanho era o peso que eu carregava sobre minhas costas.

Não o peso de um doutorado ou de uma tese em si.
Mas, o peso que isso se transformou pela forma como eu
levei e lidei com tudo.

Após minha defesa, demorei uns meses para entregar a versão
final.

E uma vez entregue, senti uma leveza gradual. Um alívio
descomunal dia após dia.

Confesso que a ficha demorou a cair. E, por vezes, parece que
ainda não caiu.

Mesmo tendo passados mais de 1 ano da entrega da versão
final para a biblioteca, a sensação de exaustão acadêmica ainda
perdura...

Pelo peso do doutorado e de tantas outras coisas que assumi
ao mesmo tempo, minha saúde (física e mental) não deu
conta. Não aguentou.

Desabei e enfrentei uma depressão pós-doutorado de longos
meses em 2021.



Minha tese foi entregue com 310 páginas.
Mas, escrevi mais de quinhentas
Foi tanta coisa produzida que me perdi.
Não sou objetiva em minha escrita.
Em minhas produções. Em minha vida.
Nunca fui. Não consigo ser diferente.
Eu meio que funciono assim...

Cada página produzida, uma parte de mim.

Prolixa, enrolada.

Demasiadamente organizada e detalhada.

E isso reflete bem meu caos interno.

Minha busca incansável por um mínimo de equilíbrio.

Um perfeccionismo absurdo com validade

apenas para mim mesma.

Para o meu mundo de autocobranças e
níveis irreais de autoexigências e sabotagens.

Todas as páginas que escrevi, assim como
tudo o que fiz desde sempre, não apenas na
minha vida acadêmica, mas também
na profissional e pessoal, refletem bem a
disfunção que trago comigo e que
descobri recentemente.

Minha incapacidade de desligar as antenas.

Antenas que captam tudo ao mesmo.

Que me tiram de um foco.

Não foram poucas as vezes que ouvi
comentários por ser demasiadamente inquieta,
hiperativa em meus pensamentos, impulsiva.

Sobre querer estar em tudo,
em todos os lugares, todo o tempo,
ao mesmo tempo



Não foram poucas as vezes que debocharam de mim por estar sintonizada em outra frequência, sintonizada em um assunto que não era o do momento.

Por estar com a antena ligada nos sinais do mundo-da-lua. Ainda, por demorar para entender piadas (que a meu ver, sempre são meio idiotas!).

E, pior, ser rotulada como “lerda”, “lenta” e “esquecida”, mesmo desbancando, muitas dessas pessoas que de mim tiram sarro, em provas de processos seletivos e concursos.

Eis minha forma de funcionamento.

Trata-se de uma disfunção de fato.

Um transtorno que hoje eu trato e tenho acompanhamento.

Pois é, esses últimos anos acadêmicos me transformaram profundamente.

Ressignifiquei o que vinha fazendo: me deixando definir por um mero Lattes.

O tanto que estava me afundando e me submetendo a pressões acadêmicas.

Concretas e invisíveis. Minhas e dos outros.

Deixando de viver, de respirar. Não priorizando o que me é mais caro: minha saúde, meus amores, minha família e minha arte.

Passei a perceber o quanto adoeci com esse perverso universo de egos inflados.

De rivalidades e competitividades. Vaidades vazias e produtivismo sem sentido.

Passei a enxergar, dentre outras tantas coisas, o quanto é

valioso se colocar à minha própria maneira em meus textos e produções. Com minhas próprias escolhas e vontades. Diferentemente de outras produções e escritas minhas anteriores, bastante impessoais e formais, fiz questão que em minha tese, bem como as demais escritas produzidas durante e depois dela, passassem a refletir eu mesma. Meu próprio amadurecimento profissional, pessoal e humano.

Amadurecimento que se deve à (re)descobertas de mim mesma como pesquisadora.

À (re)avaliações de meus propósitos dentro da universidade.

À percepção mais empática das pessoas para as quais, e sobre as quais, eu escrevo. Pessoas com as quais desperto e (des) aprendo diariamente.

Percepção de meu compromisso ético com esses sujeitos.

E do entendimento de que, ao falar sobre uma língua minoritária e um grupo minoritário, nossos trabalhos acadêmicos são, por si só, um ato político.

Eu teria mais páginas para escrever...

Mas, querido leitor e querida leitora, cheguei ao fim.

Cheguei ao limite de 10 páginas que a Emi estipulou (e que bom que ela fez isso!).

Essa é um pouco da minha história.
Um pouco da minha trajetória.

Essa sou eu. Muito prazer, Natália.
E eu meio que funciono assim...

Fim.

DE REPENTE, AUTISTA!

Maria Cristina Pires Pereira

DOI: 10.52788/9786589932628.1-6

Não sei bem como começar este texto, mas é bom que os leitores saibam que este não é um artigo acadêmico, apesar de algumas citações e referências nesse estilo para contextualizar o assunto, nem um manifesto de militância. É um texto pessoal, quase um depoimento pois, na minha vida dentro e fora do Lattes, um fator que sempre conduziu como eu sou é ser autista, mesmo só tendo conseguido esta confirmação depois dos cinquenta anos de idade.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical¹.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Portanto, não esperem uma aula didática sobre o que é, classificações, as linhas que existem ao abordar o autismo e outras questões que podem ser consultadas em uma boa pesquisa na Internet. No decorrer do texto, vou colocar algumas fontes e sintam-se livres para investigar, se quiserem, embora nem todas sejam confiáveis, nem mesmo as médicas. Leia, mas seja bem crítico, se você se decidir a fazer isto. Na verdade, este é o primeiro passo das pessoas que são reconhecidas como autistas na vida adulta: procurar informações. E é um assunto tão novo e desconhecido que existem muitas afirmações desencontradas. Novo, no sentido de que a área

1 Agradecimentos: 1. Theresa Scovil, cartunista, que autorizou o uso das imagens de alguns de seus desenhos; 2. Kemi Oshiro Zardo (ovniacessibilidade@gmail.com), audiodescritora, que gentilmente fez a descrição das imagens dos cartuns.

2 Tradução livre, dos textos dos quadrinhos, por Maria Cristina Pires Pereira.

médica está constantemente inserindo, excluindo e agrupando traços e características, causando, em minha opinião, mais confusão e discussões que não contribuem para uma melhoria efetiva na qualidade de vida dos autistas.

Neste texto, não vou seguir a máxima acadêmica que herdei de minha orientadora de mestrado e coorientadora de doutorado, “guie o leitor pela mão”, mas forneço um mapa.

Tímida? Não. Reservada? Pode ser. Introversa? Sim. Autista? AHN?!

“Transtorno são os outros.”

- Tony Attwood (segundo Ana Parreira)

Sempre fui tida, pelos outros, como uma pessoa estranha. Desde criança, eu sabia que era diferente. Meus pais me contaram que só falei ao redor dos dois anos de idade, mas aprendi a ler rapidamente. Sempre fui voltada ao meu mundo interior e os detalhes me cativam. Era menina que vivia no quarto, embaixo da cama e nos porões, nunca tive problemas em brincar sozinha, mas, ao mesmo tempo, gostava de brincadeiras de correria para gastar muita energia, apesar de que eu caía frequentemente. Tinha questionamentos muito mais complexos do que as crianças de minha faixa etária; passei a infância lendo os dicionários e enciclopédias que tinha em casa e várias outras inúmeras peculiaridades. Minha mãe achava que havia alguma coisa errada comigo e passei parte da infância escutando “essa gurria não é certa!”.

Na adolescência, meu interesse pela leitura se intensificou e lia, semanalmente, um ou dois livros pelo empréstimo domiciliar de

bibliotecas; quando entrei no ensino médio, no curso técnico de tradutor e intérprete, reli os dicionários de inglês e fiz um novo, à mão, de acordo com minhas necessidades; nunca andei em grupos grandes, tinha um pequeno e seletivo grupo de amigas, claro, as estudiosas da turma.

Minha entrada na vida adulta não mudou o fato de que minha vida interior sempre foi intensa, diversa, um mundo muito mais interessante do que a vida exterior. Nunca entendi por que as pessoas consideram que ficar sozinha é um castigo, o que deve ser horrível é não conseguir se alegrar com a própria companhia. Minha dedicação a qualquer assunto que me interesse, vira um tema que eu acabo tendo muito conhecimento, pois fico quase obcecada quando me decido a aprender ou entender alguma coisa. E, ainda, não compreendo muito bem as intenções, motivações ou atitudes dos outros. Pessoas são “altamente ilógicas”, como diria o personagem Spock³.

Todos estes traços, e muitos outros (e mais esquisitos), sempre me intrigaram quanto ao meu relacionamento com o mundo. Eu sabia que não era fobia social, pois eu não tenho ansiedade ao interagir, eu tenho é um cansaço extremo depois da interação. Não é algo fácil de explicar, consequentemente vivia esgotada e não sabia bem o porquê. Quietinha, calada, tímida eram palavras que normalmente me atribuíam quando eu era criança, mas depois que eu cresci já ouvia coisas como: estranha, esquisita, diferente, fria, direta demais, sincera, distante e outras mais. Tudo isso me levou a mascarar (*masking*) muito do que sinto e como ajo no mundo, atitude essa que é muito comum entre mulheres autistas e torna o diagnóstico mais difícil. Desenvolvemos estratégias de compensação e adaptação (DACHEZ, 2021) para vivermos no mundo e não sermos alvo de zombaria.

3 Personagem da série e filmes *Star Trek*. Híbrido de uma humana com um nativo do planeta vulcano e que é guiado pela disciplina da lógica.

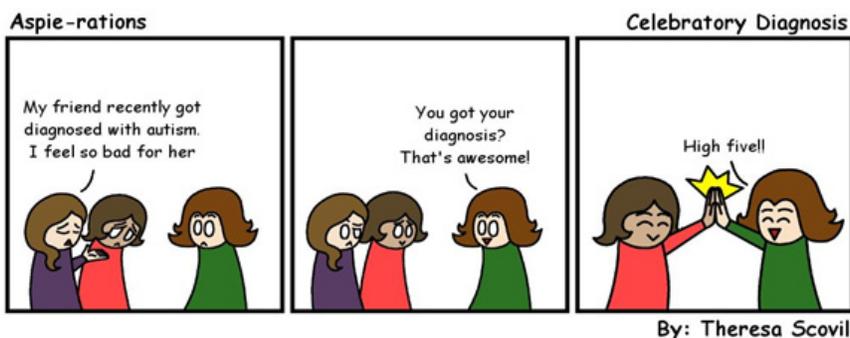
No entanto, minha diferença não era somente psicológica, os traços físicos, principalmente sensoriais, são bem destacados. Barulhos, me causam uma dor que parece física; preciso tirar as etiquetas de todas as roupas, sendo que algumas, dependendo da textura, nem consigo usar; meu olfato é meu sentido mais aguçado, conheço muitas pessoas e ambientes pelo cheiro e já tive que sair de locais onde, ninguém estranhava muito, mas algum odor me incomodava demais; a primeira coisa que faço em telas eletrônicas é diminuir o brilho e tirar aqueles infernais sons de teclas ou de sistema, entre outras coisas. Obviamente que as pessoas ou criavam uma desculpa, “tens olhos claros, por isso a sensibilidade à luz”, ou me achavam cheia de manias, “ela é ranzinza assim mesmo”.

Essas particularidades que mencionei não abrangem a mínima parte de tudo o que me compõe como autista. A lista é enorme, de pequenas manifestações que, separadas em pequenas quantidades ou intensidade, existem em boa parte dos seres humanos. E isto é importante ressaltar: ninguém é autista por apresentar apenas alguns desses sinais, o conjunto é mais marcante do que itens isolados, é bom avisar. O diferencial é a quantidade, frequência e intensidade.

E, como sempre fui de um mundo interior efervescente, procurava me entender. Primeiro me disse reservada, porque tímida, sei que nunca fui. Depois, descobri a introversão em uma perspectiva mais estrita (JUNG, 1971), não aquela que o senso comum identifica como timidez ou fobia social, e me classifiquei como introvertida. Isto durou até 2019 quando comecei a ler e ver relatos de autistas adultos. Fiquei pasma, pois me identificava com a maioria dos traços relatados. Até então, eu tinha a concepção majoritária do estereótipo do autista: crianças e com comportamentos de autismo clássico (não falante, sem estabelecer interações, que frequentemente exibem autoagressão etc.).

Depois de muito refletir, decidi ser avaliada, para tirar a dúvida. E aí começou uma peregrinação, pois a imagem de que só crianças com autismo “severo” existem não vem do nada. A maioria dos neuropsicólogos e psiquiatras trabalham quase que exclusivamente com crianças. Detectar, em um adulto que, de uma forma ou outra, se adaptou (a que custos!) à sociedade vigente, não é tarefa fácil. Existe muita camuflagem que vai sendo construída para que não sejamos apontados como os esquisitos, rabugentos, cheios de mania, ranzinzas. E nem todas funcionam totalmente, pois é extenuante fazer este esforço durante todo o tempo.

Encontrei uma neuropsicóloga, a Covid-19⁴ chegou, deixei um pouco de lado a questão porque outras coisas estavam ocorrendo no mundo e na minha família por causa da pandemia e só quase dois anos depois pude fazer as avaliações cognitivas e comportamentais. BINGO! Diagnosticada ou confirmada, escolham a palavra, com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas o fato é que tudo fazia sentido a partir dali.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.

Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

⁴ Do inglês *coronavirus disease*, nome oficial da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2, do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Sou autista, e daí?

*“Preconceito!
Já causou muito mal
Quem elege
Seres que decidem o que é normal
(...)
Preconceito!
Não faz bem a ninguém
E sem ele
Penso o que seria do poder.”*

- Via Negromonte, canção Preconceito

O diagnóstico, reconhecimento, confirmação de que sou autista, também trouxe algumas surpresas. Desde que comecei a desconfiar, pensava se deveria revelar a situação, caso fosse detectada. Depois de muito ler e pensar, decidi não esconder. Passei a vida inteira me camuflando entre as pessoas neurotípicas e já estava muito esgotada de sempre ter que encontrar uma desculpa ou mesmo aturar coisas que me fazem mal, como barulhos, eventos em interação muita gente com a qual não tenho familiaridade, luzes e outras sobrecargas emocionais e sociais.

O estranho foi ver a reação das pessoas que me eram mais chegadas e as expressões de espanto, em alguns casos até um certo horror, quando me declarei autista. Alguns me aconselharam a tentar uma segunda opinião⁵, desconhecendo o quão difícil é encontrar profissionais que façam esta

⁵ E, sim, busquei uma médica psiquiatra, diferente da equipe da neuropsicóloga, e o diagnóstico foi o mesmo.

avaliação, demonstrando uma negação, como se fosse algo negativo. Uma ou duas pessoas ensaiaram comentário como “é bom se conhecer, né?” ou “conte com a gente”. A reação de quase todas as pessoas foi desconcertante. Alguns dos comentários foram: “tu és empata, não és... ISSO!”, “mas a tua vida não muda em nada!” ou, o mais desalentador, quando as pessoas desviaram do assunto. A maioria simplesmente não comentou, sem dizer ou perguntar nada. Silêncio. Corte. Vácuo. E não estou falando só de estranhos, mas também de pessoas que são importantes para mim.

Tento racionalizar que podem me ver vivendo minha vida de forma autônoma, me sustento, sou independente, e devem pensar que o diagnóstico está errado, de que estou “me fazendo” ou de que isto não é importante. Mas não seria mais humano perguntar? Saber como me sinto, como foi durante todo este tempo e o que podem fazer para tornar a minha vida mais suave? As pessoas nem devem saber como é o autismo em adultos, nas suas variadas formas de manifestação, e ainda assim não demonstram nenhum interesse em aprender. Por quê? Será medo?

Só obtive o verdadeiro acolhimento de uma pessoa já diagnosticada e de outra que apresenta vários traços autistas. Autistas se apoiam de uma forma até inconsciente? Não sei, mas parece. Depois somos rotulados como não empáticos, aham, sei, claro... em minha visão, muito particular, sinto profundo senso de comunidade e experiências compartilhadas com autistas adultos que, atualmente, são rotulados na linguagem médica como leves (requerem suporte mínimo em suas atividades diárias) e que, antigamente, poderiam ser ditas como tendo a Síndrome de Asperger.

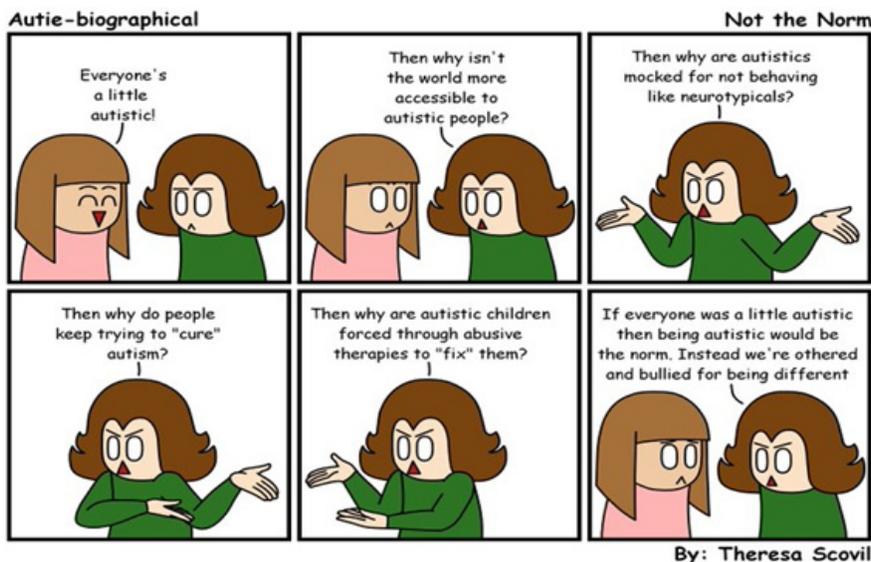
Falando em categorização, nem vou tecer mais comentários sobre como a classe médica tem decidido, sem a participação de autistas, sobre nós, mas as constantes mudanças de diagnósticos e denominações,

separando e agrupando, ao seu bel prazer, “tipos” de autistas tem gerado mais problemas do que aqueles que, supostamente, seriam eliminados ou minimizados.

Um exemplo paralelo disso é a divulgação que a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez de que vai substituir, na 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID11), a “senilidade” (código R54) por “velhice” (código MG2A), categorizando esta fase da vida como patologia. Por exemplo, toda pessoa que, mesmo que esteja saudável e com vigor, morra depois dos sessenta anos de idade, vai morrer da “doença” velhice. Absurdo, não? Estamos em um mundo em que tudo que não é o padrão (homem, cisgênero, branco, heterossexual, ouvinte, vidente, classe média, jovem) e... neurotípico, vira doença, transtorno, desordem. Alguém decide algo que vai nos impactar, sem nos considerar, por crerem que possuem autoridade para isto. Sem cooperação, sem nos chamarem para as discussões.

Uma consequência de se colocar tantas características e definições sob a mesma denominação de TEA é instigar uma briga, que não deveria existir, entre pais de crianças classificadas como autistas clássicas, de nível de suporte 3, e adultos com nível de suporte 1, muitos dos quais, seriam um tempo atrás ditos como tendo a Síndrome de Asperger. A diferença entre um autista não falante, com comprometimentos cognitivos sérios, dependente, não autônomo e que precisa de constante supervisão e um adulto que, mal ou bem, consegue ter certa autonomia, sendo que alguns são bem-sucedidos em seus interesses focados (hiperfoco) é enorme! Então os pais destas crianças não compreendem quando defendemos que o autismo pode ser uma diferença para nós, mas a causa deste embate foi criada na categorização médica!

Pelo desconhecimento do autismo, por sua complexidade e essas muitas mudanças em termos de classificação e abordagem, é frequente que as pessoas não só duvidem, mas até questionem se somos autistas.

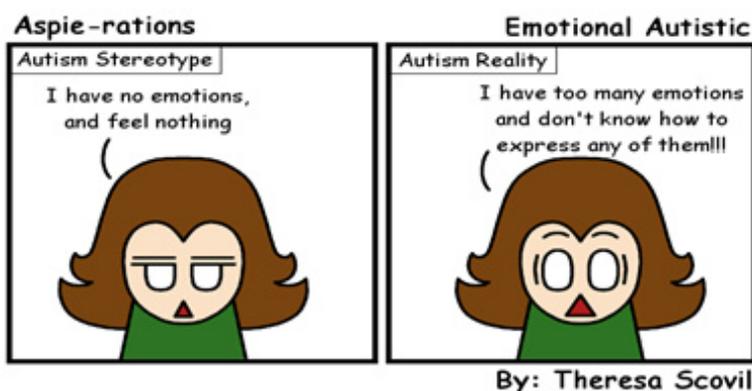


Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Eu vinha pensando, criando minha teoria, leiga, que o cerne do que se chama autismo: é uma questão de hipersensibilidade. Por motivos de constituição cerebral, neurológicos, bioquímicos, possuímos uma sensibilidade exacerbada. A mais notória é a sobrecarga sensorial. Eis que, em minhas leituras para conhecer melhor o tema dos autistas adultos, me deparo com a teoria do mundo intenso (MARKRAM; RINALDI; MARKRAM, 2007; MARKRAM; MARKRAM, 2010) na qual encontrei uma boa base para pensar que é mesmo assim. Nossas reações seriam uma espécie de mecanismo de defesa a nossa extrema sensibilidade.

Portanto, quem nos percebe ou avalia “de fora”, nos julga e classifica com sérios vieses e assim ficamos estereotipados no imaginário social.

Um exemplo disso, são vários websites, que não sei se estão desatualizados ou se realmente é ignorância, nos quais ainda encontramos frases como estas: “autistas não possuem empatia”, “autistas não têm sentimentos”, “se você não tem sofrimento por ser autista, então não é autismo”.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Diante deste panorama, muitas pessoas podem perguntar se eu não quero mudar alguns itens de meu comportamento que são vistos como obstáculos e eu penso: para quem? Porque acumular relações sociais superficiais pode ser desejável, em uma cultura latina brasileira extrovertida, por exemplo, mas para mim, as conversas fiadas que não acrescentam nada, são perfeitamente dispensáveis. Prefiro interagir com poucas pessoas, conhecidos, com os quais sei que terei uma conversa significativa para mim

Contrapondo a visão puramente médica, temos o movimento pela neurodiversidade (ORTEGA, 2008), termo foi cunhado por Judy Singer, em 1988, que é relativamente recente. Este movimento postula que, na espécie humana, não se pode falar de um tipo de funcionamento cerebral padrão, pois todos somos afetados por padrões sociais e culturais do que é aceitável ou não dentro de um determinado espaço e tempo. Em algumas sociedades é aceitável se enrolar em panos e se sentar no chão do aeroporto para meditar, ninguém pensa que aquela pessoa tenha algum problema. Em culturas diferentes é normal chegar na maturidade, depois de criados os filhos, e sair a caminhar, como um andarilho religioso e não é tido como algo desviante que necessita de tratamento ou cura. A definição do que é patológico, ou não, perpassa cultura, visão contemporânea dos corpos (e mentes!), perspectivas socioeconômicas etc.

Reflitam criticamente se muitos comportamentos exigidos na sociedade são realmente relevantes e para o bem de todos ou se é algum tipo de barreira colocada por outros motivos (estético, de classe, cultural). Sobre isto, podemos pensar na polêmica, no fim de 2021, que deixou muitos pais portugueses exaltados porque seus filhos estavam falando [português] brasileiro (LUZ, 2021). Por conta do confinamento, causado pela pandemia, boa parte das crianças portuguesas estava consumindo muito conteúdo da Internet, sobretudo do YouTube, e estavam não só com expressões brasileiras, mas até mesmo apresentando o nosso sotaque (prosódia). Este fenômeno levou os pais a classificarem como “vício, sinais de alerta, alarme, prejudicial, pânico social”, sendo que algumas crianças estão frequentando sessões de terapia da fala. Percebam que um comportamento perfeitamente natural, envolvendo

variantes da língua portuguesa (brasileira e europeia) foi rotulado a nível patológico por preconceito e boas doses de xenofobia.

Como trabalho na área de Libras (língua de sinais brasileira) e, conseqüentemente com surdos, sei que este embate é frequente: visão médica versus visão das próprias pessoas surdas. No nosso caso, das pessoas autistas, talvez já passe do tempo da área médica e até de alguns familiares se abrirem para um debate aberto com quem fala de dentro de uma comunidade, de quem é e vive a realidade de ser taxado de deficiente todos os dias. E não estou me referindo à expressão da vez, lugar de fala, pois acho que todos têm seu lugar de fala, mas em diferentes perspectivas: interna, das diferentes formas de ser diferente e externa, das pessoas que observam e convivem com o diferente.

Sou mais simpática ao movimento pela neurodiversidade, embora perceba, como pesquisadora, que existem algumas falhas e lacunas, assim como qualquer proposta. Ser neurodiverso ou neurodivergente não é algo intrinsecamente patológico.

Entender a espécie humana, primeiramente, como passível de diversas manifestações no mundo é chave para que consigamos evoluir em paz, com colaboração e não nos exterminemos por características que são esperadas e inerentes à espécie. Nossos sentidos captam e nosso cérebro interpreta de forma diversa, em cada ser. As culturas são diferentes e se transformam. O que era há mil, cem ou dez anos atrás, já não é mais. Pode parecer utópico, mas é essencial para a nossa espécie, abraçar a diversidade e normalizar o diferente.

E fora (e dentro) do Lattes, como isto funciona?

“Eu não sou sua inspiração, muito obrigada.”

- Stella Young⁶

A primeira decisão depois da confirmação de ser autista foi assumir ou deixar tudo como estava. Decidi ser abertamente autista, por diversas razões. Passei a maior parte de minha vida mascarando meus traços, me contendo e, mesmo assim, não pertencendo.

A partir de minha inserção acadêmica, também percebi que todos os meus estudos/pesquisas, fora mestrado e doutorado, são parecidos metodologicamente: cientometria, bibliometria, análises sistemáticas, revisões teóricas, estados da arte, evitando métodos em que eu tenha que interagir com sujeitos de pesquisa. Basicamente, sou levada a compilar o que já existe, analisar e sistematizar em busca de recorrências, padrões, consistências ou, ao contrário, encontrar incongruências. Até a minha extensão prioriza esta minha característica de reorganizar e de trabalhar de uma forma na qual eu não lide diretamente com o público.

Sim, dou aulas, participei de muitos eventos, mas, confesso, as interações com muitas pessoas não familiares me exaurem. Nas aulas é até melhor, porque eventualmente acabamos conhecendo os alunos e convivendo com eles em uma base regular. Já com pessoas que não conheço ou não compartilho interesses, o desgaste é muito grande. Eventos, eu parei de ir, pois a exaustão era maior do que as vantagens, interagir com turbas de desconhecidos é extenuante.

⁶ YOUNG, Stella Palestra proferida no TED Talks, Sidney (Austrália), abr. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8K9Gg164Bsw&ab_channel=TED. Acesso em: 26 nov. 2021.

Muitos gestores não têm sensibilidade para compreender que os colaboradores não são peças de uma fábrica. Que as diferentes formas de ser e de atuar são necessárias e produtivas para uma organização. Não é incomum que autistas sofram assédio moral no trabalho. Incomum é que estes autistas denunciem e o resultado é uma dificuldade extra na questão, já detectada, de que consigamos e nos mantenhamos em um emprego. Não assimilamos muito os filtros sociais, então ser direta, objetiva e sincera acaba sendo uma desvantagem nesta nossa sociedade. Percebam que eu disse que não é uma desvantagem absoluta, e sim neste tipo de sociedade na qual vivemos. Outra questão é não percebermos que não conseguirmos detectar algumas nuances na linguagem e nos comportamentos pode nos tornar alvos fáceis para perseguição e intimidação, principalmente, no ambiente acadêmico, onde o orgulho, no mau sentido, e ego exacerbado não são tão incomuns.

Existem várias adaptações que poderiam ser permitidas no ambiente profissional para alguns autistas. Por exemplo, se a pessoa é boa na linguagem escrita, por que não a colocar no atendimento de demandas online; se tem dificuldades em atender, de forma próxima, muitas pessoas estranhas em um evento, pode perfeitamente cuidar da distribuição de panfletos ou avisos em murais; se possui facilidade em escrever sobre suas pesquisas, porque ela não pode se dedicar a este tipo de produção em vez de criar situações em que vai ter que lidar com complexos rituais sociais, como em cargos de gerência?

Só tive a confirmação de meus traços pouco habituais, de minha maneira de ser e estar no mundo. Isto não me torna menos ou indesejável. Nem eu, nem qualquer outra pessoa que viva a sua vida. Não sou um milagre e nem quero estar associada à palavra superação, porque ela coloca

todo o trabalho nas costas de quem já é desprivilegiado pela sociedade, essa sim, que devia se superar.

O que foi, e ainda é considerado como uma mania, implicância, mau humor ou chatice minha é, afinal, a maneira como meu cérebro funciona, não é uma questão de escolha ou de eu fazer esforço. Quando é possível, optar por ter outras atitudes é me condenar à exaustão, desencana e eterno fingimento de ser quem não sou.

Muitas pessoas podem se esquivar com um “mas eu não sabia que tu eras autista!”, mas eu pergunto: é preciso alguém ser autista para termos consideração, respeito e exercermos a gentileza?

Tem muita gente lucrando com o autismo, sem realmente entender ou viver profundamente o assunto, mas também muitas pessoas tentando esclarecer a sociedade e, destes, destaco os próprios autistas adultos que estão dando seus depoimentos e mostrando como realmente é a nossa vida. Sem listas de estereótipos elaboradas por quem nos vê de fora e com um olhar de que somos humanos errados e que precisam de conserto.

Se há algum fechamento para este texto, seria deixar esta mensagem de que nós, da espécie que se diz humana, ainda somos quase que totalmente animais. E não pensem que desconsidero as qualidades de nossos irmãos animais, ao contrário. Só que a humanidade, orgulhosamente, se presume em uma categoria acima deles e sempre inventa características que, supostamente, nos diferenciariam deles. Todas caem, uma após a outra, com o passar dos anos, mas, se queremos nos destacar de alguma maneira, deveria ser por nossa capacidade de agirmos baseados em nossa razão crítica e intuição racionada, por mais paradoxal que possa parecer. Só nos tornaremos verdadeiramente humanos por nosso esforço e vontade. Não o esforço árduo, mas aquele de deixar ser, deixar fluir,

nos despojando de convenções inúteis e somente estabelecidas para nos dividirem. Este vir a ser humano depende de nos irmanarmos e nos solidarizarmos com todos e modularmos nossa fala e ações na gentileza e no bem comum. E isto, ninguém decreta, nós mesmos temos que nos trabalhar internamente, cada um de nós.

Referências

DACHEZ, Julie. **A Diferença Invisível**. Ilustrações por Mademoiselle Caroline. Tradução de Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2021.

JUNG, Carl G. **Tipos Psicológicos**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LUZ, Paula Sofia. “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”. In: **Diário de Notícias**. Lisboa 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MARKRAM, Henry; RINALDI, Tania; MARKRAM, Kamila. **The Intense World Syndrome – an Alternative Hypothesis for Autism**. **Front Neurosci**. 2007 Nov; 1(1): 77–96. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2518049>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MARKRAM, MARKRAM,. The intense world theory - a unifying theory of the neurobiology of autism. **Front Hum Neurosci**. 2010 Dec 21;4:224. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnhum.2010.00224/pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OMS – Organización Mundial de la Salud. Clasificación Internacional de Enfermedades. **Undécima revisión (CIE-11), 2019/2021. Licencia de Creative Commons Attribution-NoDerivatives 3.0 IGO (CC BY-ND 3.0 IGO)**. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **MANA** 14(2): 477-509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PARREIRA, Ana. **Gente Asperger**. Livro I. Campinas: Russel, 2015.

COMO É SER MULHER SURDA,
COM TDAH,
QUE ADORA PASSAR BATOM
E DAR BEIJOS NOS OMBROS

Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

A querida amiga de longas primaveras, Emiliana Rosa, fez-me um convite inusitado, trazendo-me muita alegria: escrever os bastidores de vivências e memórias da minha vida, experiências que o Lattes não pode computar e que normalmente não são trazidas ao conhecimento das pessoas. A obra que Emiliana pretende lançar se intitula “Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta”.

Eu me senti ao mesmo tempo desafiada e intrigada. Por que razões tive esses sentimentos paralelos? Porque o papel em que a minha mão desenha pode representar a minha vida fora da academia, não obstante eu tenha, em outonos recentes, narrado uns episódios e cenas sobre minha vida pessoal na tese de doutorado, no relatório final de pós-doutorado, além de outras tantas postagens nas redes sociais.

No entanto, minhas mãos ainda carecem de contar as memórias acerca da minha intimidade mais sombria e profunda. Será um relato de uma mulher surda, com TDAH, residindo no coração grande deste planeta.

Obviamente tal relato não terá a capacidade de dar conta de todos os meandros da minha vida, pois, afinal de contas, sou múltipla: mulher, mãe, esposa, filha, sobrinha, prima, irmã, amiga, uma pessoa, enfim, experimento muitos estranhamentos, e vivo muitas crônicas, fatos e histórias confessas e inconfessáveis.

Apresento-me, então, como uma mulher surda, que - em razão do meu ativismo na comunidade surda e em favor das escolas bilíngues de surdos - empreita querelas com meio mundo para que as crianças surdas possam crescer felizes com a língua de sinais, com a cultura surda. E sinto no fundo do meu coração que nada foi por acaso neste mundo, para que eu chegasse a ser quem sou e como estou. Vivo nesta Terra redonda com

uma missão, num cotidiano cheio de escolhas e renúncias, feitas de forma pensada e, às vezes, impensada.

Recentemente terminei o meu pós-doutorado, e de fato foi uma jornada difícil, porquanto foi necessária muita dedicação a leituras e escritas. Além do mais, constantemente me indago: como conciliar o meu papel de esposa e mãe com o da mulher que sou? Fácil não foi. E, para completar a confusão de personalidades inseridas em meu ser, tenho TDAH. Às vezes posso ser horrivelmente procrastinadora, a depressão me alcança e só percebo a pressão quando é intensa e os prazos chegam ao limite. Mais ainda: quando o assunto me interessa, consigo ter dedicação e hiperfoco, uma das características do referido transtorno.

Dessa ideia de hiperfoco, resulta que certas coisas, quando não me interessam, realmente não consigo dedicar-lhes igual dedicação. Por isso só faço gosto na escolha de determinadas disciplinas tanto para dar aula, escrever artigos, quanto para pesquisar. Se as escolhas surgem de forma fortuita, ou por obrigação, eu não consigo manter o tal hiperfoco.

No mesmo sentido, dentre os afazeres domésticos, eu só consigo fazer comida, lavar louça, ver televisão, dar beijos nos meus meninos e o restante das atividades deixo a cargo do meu marido, que é o maior prendado do mundo! Ele faz tantas coisas que eu não faço, algumas vezes o clima fica tenso, obviamente, mas passados dez anos juntos, ele já sabe exatamente como administro as coisas e segue a vida... Quando ele começa a reclamar, faço meus jogos sexuais para amansar o macho. E funciona muito bem! Já nos encaixamos bem para que o casamento funcione. Só mesmo com muito amor e imensa reciprocidade!

A respeito do meu diagnóstico de TDAH, tal condição me deixou em maus lençóis várias vezes diante das pessoas com quem me relacionei,

considerando a impulsividade uma das características mais difíceis deste transtorno. Assim, já deixei as pessoas assustadas com as minhas loucuras temerárias; inclusive o outrora Ministro de Educação, Fernando Haddad, assustou-se com meu dedo em riste na sua cara, em plena reunião na Casa Civil..., mas, nessa circunstância, a impetuosidade significava exatamente que eu só estava defendendo a educação de crianças surdas. Águas passadas. Hoje em dia estou mais controlada, mais comedida, embora haja gotículas de impulsividade no trabalho, em casa, no círculo de amizades.

Não é ser fácil ser mulher com TDAH, e o que mais tem me ajudado nestes tempos de transtornos é o uso do planner, facilitando-me decorar e anotar coisas importantes para o dia a dia, salvar compromissos, escrever poesias, diários, enfim, coisas que me interessam.

Ser uma pessoa com TDAH também representa ter enormes dificuldades de gerenciamento de tempo, de organização, de sentimentos de ansiedade e de sintomas de depressão. Por isso faço uso de remédios controlados e óleo de cannabis, o que ajuda a amainar o meu caos interior. Às vezes faço terapias, muitas vezes as abandono, mas volto sempre... também sei que preciso fazer atividades físicas, e igualmente as deixo de lado. Já fiz inúmeras atividades como yoga, treinamento funcional, musculação, ginástica localizada, pilates, natação, hidroginástica, caminhada, corrida, mas, infelizmente, nada me prende... logo as abandono.

Realmente sou sempre uma mulher menos propensa a fazer esforços para atividades físicas, e quem sabe um dia possa me exercitar, emagrecer, ter um estilo mais saudável! Se consegui terminar meu pós-doutorado, certamente poderei prosseguir com atividades físicas. Um dia de cada vez, pelo bem do TDAH.

Fui diagnosticada com TDAH há uns 5 anos, mas eu já desconfiava desse diagnóstico há muitos anos, inclusive as minhas amigas mais próximas falavam que eu era muito avoada, não parava quieta e sentada durante as aulas. Tinha dificuldades de atenção, também interrompia conversas, não tinha paciência para esperar o outro terminar a fala, fazia coisas sem pensar, com impulsividade aflorada, apontando o defeito dos outros sem necessidade, tomando decisões impensadas, perdendo o interesse muito rápido pelas coisas, sendo muito inquieta e batendo pernas sem perceber, dentre outras características.

Sem contar os sintomas de ansiedade extrema, com muitos desconfortos no estômago, embora o meu cérebro ficasse cheio de pensamentos férteis, sem e com sentido. Ocorre-me de ficar pensativa demais quando há desconfianças ou necessidade de confiar, e assim o meu cérebro não para, não descansa.

Mas não conseguia me entender como TDAH, pois sempre obtive sucesso na conclusão dos meus estudos, na aprovação em concursos públicos, na conclusão do meu doutorado.

Quando enfim me licenciei por um ano do trabalho para tratar de minha saúde, fazendo terapias e indo a psiquiatras, é que comecei a me ver, a me rever, a voltar a atenção à minha pessoa. A partir daí, eu entendi que o TDAH não afeta inteligências, estudos, e, quando a pessoa se aproxima de algum assunto de sua preferência, naturalmente consegue ter hiperfoco, criatividade e dedicar-se às artes, como é o meu caso. Dou aulas na disciplina Artes e Educação e adoro a decoração do meu planner, tendo também um pequeno ateliê.

Nem tudo eram flores e vivi por vários anos uma fase de negação. Entretanto consegui rever e remontar minha vida, juntando aos poucos

fragmentos de memórias aos poucos, como num quebra-cabeças, assumindo o meu comportamento peculiar, às vezes criticado, às vezes elogiado pelas pessoas. Diziam-me assim: *“Você é muito inteligente quando quer.”*; *“Você consegue, mas é muito preguiçosa.”*; *“Você é muito grossa, fica cortando as pessoas.”*; *“Você irrita as pessoas, mas às vezes é muito engraçada.”*

Não obstante os defeitos, as qualidades, os colapsos, os fortalecimentos, tudo constitui o meu ser e estar neste mundo; sou assumidamente uma mulher com TDAH, fato que incorporo e aceito em minha vida, é só saber fazer dar certo. O que aprendi foi que isso não diminui ou engrandece a minha vida. A minha vida é assim, segue uma trilha, tenho a minha carreira, as artes; enfim, devo acompanhar a onda da vida.

Digo mais uma vez que aprendi a gerenciar o meu tempo, usando o planner com minhas criatividades e decorações, a ler livros que tenham o meu gosto, inclusive anotando tudo no meu planner, programando as leituras a fazer, a finalizar, de forma a avisar o meu cérebro ser necessário cumprir a meta de leituras do mês, do ano. O livro de Ana Beatriz Barbosa Silva, *“Mentes Inquietas: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade”*, ajudou-me muito a entender que de fato sou uma pessoa com TDAH.

Sou muito politizada, muito ávida por ler notícias do dia a dia, sobre a política econômica e sobre a forma como os governos fazem as suas (des)políticas públicas. Eu sou uma pessoa de esquerda, fico bem irritada com notícias do des(governo). Desde o ano de 2018 estou nessa “vibe”, muito assustada com esta polarização política.

Antes não me importava muito a vida da política, estava mais atenta para as coisas do cotidiano, igualmente como servidora pública.

Mas entendi que é preciso ter e entender a política no nosso interior e exterior, visualizando o que está acontecendo na atualidade. Por que as comidas estão tão caras? Por que o orçamento secreto para o Congresso Nacional? Por que tantas “fake news” com que a gente precisa lidar em nosso dia a dia?

Foi exatamente naquele ano de 2018 que resolvi escolher o lado certo da História e votar em Fernando Haddad. Fui atrás dele para fazê-lo assinar o termo de compromisso com as comunidades surdas, o que foi feito sem titubeios. Mas isto provocou alvoroço e ira do lado oposto, do lado extremo da comunidade surda, dos surdos bolsonaristas que começaram a me provocar. E o que fiz? Vi que eu conseguira sair da depressão e acabara de ajustar a minha vida e deixar a minha marca registrada: passar batom e dar beijos nos meus ombros! Simples assim!

Por isto sou lembrada como “aquela do batom” pela comunidade surda...

Essa metáfora do “beijinho no ombro”, na verdade, significa muito mais o apreço por aquilo em que acredito e trabalho por conseguir que o desprezo pelo pensamento do outro, que tento o máximo possível incluir. E sigo a vida!

Enfim, sou mulher surda com TDAH.

A DOR DA LÍNGUA E A SABEDORIA
SAGRADA DO SER SURDO.
RUFEM OS TAMBORES...
ISSO NÃO VAI NO LATTES!?

Shirley Vilhalva

A dor da língua que me acolhe!

A dor da língua que me abraça, mas me despedaça.

Por mais que eu produza um texto, uma frase, alguém já me disse que eu não sei escrever como ouvinte.

Alguém, até nos dias de hoje, diz que o que escrevo não dá para entender por que falta o contexto em tudo nas linhas e nas entrelinhas.

Há 50 anos meus professores marcaram os “X” destacados em vermelho, por eu não ter escrito corretamente de acordo com o entendimento deles, outros professores vieram e nem mesmo desejaram saber o que acontecia com as minhas dores e nem o porquê eu tinha essas dores... da língua!!!

Aprendi com o tempo que existe um silêncio a ser descoberto, que nem tudo vale a pena pegar para si. Se de quem deveria saber, e não sabia, qual a culpa eu tinha quando era uma menina estudante?

Mesmo assim, sempre me candidatei a rabiscar algumas linhas... Quem me dera que eu já tivesse melhorado um pouco mais e não seria marcado um ou mais “X” destacados em vermelho.

O X da questão, o X da incompreensão, o X do relacionamento e nessa andança, fomos trilhar algo mais no X da vida. Comecei, então, a andarilhar pela magia da Sabedoria Sagrada que meu povo surdo ansiava e nem todos entendiam...

...Respire lentamente antes de seguir seus olhos para próximas letras, ou atentem os seus ouvidos, se você for cegx, para a próximas palavras, de seu aplicativo de transcrição da língua escrita para voz, assim você vai me ler com os ouvidos e, se você for surdocegx, irá me ler através em seu tato sinalizados do contexto a seguir. Todos estão preparados para navegar neste imenso mar de letras que pode ser escrito de trás para frente ou de palavras invertidas?

No embalo de sua respiração, sinta a carícia do vento que anuncia em plena natureza aberta o que é a Sabedoria Sagrada. Uma tela mental se abre e como um filme você começa ver uma onda musical que percorre em todo seu corpo como os sons dos batuques dos Tambores indígenas¹, que sem palavras faz você vibrar, seja o Tambor Catuquinaru, o de Fenda, de Carapaça, o de Cerâmica e o de Pele. O Tambor Xamânico vai te levar a cada toque de seus sons como Som do infinito dentro de ti, e você vai sentir como se fossem umas batidas do Coração da Mãe Terra!

Assim vai transitar, em um espaço sideral que vibra como um tambor, o corpo surdo sente as ondas e logo sua vibração ativa que há algo vibrante e potente, permite como Janna Levin², menciona que “em essência, o espaço vibra como um tambor”, assim sinto dentro de meu corpo surdo a vibração do universo dentro de mim. Ao toque dos tambores anuncio que a Sabedoria Sagrada é aquela que você sente, é aquela que vibra nos seus poros, é aquela que emana os cristais da vida em arrepios.

Sabedoria Sagrada é aquela que não se conta. Pode até se traduzir, mas a Sabedoria Sagrada do Povo Surdo é aquela que você tem que **viver e experienciar**.

7 Leia mais em Atabaques, Tambores, Batuques, Tambores de Batá, Rituais Religiosos. <https://espadadeogum.blogs.sapo.pt/atabaques-tambores-batuques-tambores-de-4091972>. Acesso em 27 fev. 2022. Tambores em rituais Indígenas Brasileiros. Um dos mais importantes instrumentos sonoros das culturas indígenas do Brasil, por se relacionar com o lado prático, musical e religioso, é o tambor. Existem os tambores de madeira, tambores de tábuas, tambores de tronco escavado, feitos e moldados a fogo. Alguns tipos de tambores indígenas:

- a.. Tambor Catuquinaru: Instrumento de sinalização.
- b.. Tambor de Fenda: Feito de uma tora de madeira e escavado por meio de pedras incandescentes.
- c.. Tambor de Carapaça: Feito de Carapaça de tartaruga.
- d.. Tambor de Cerâmica: Consiste num vaso de barro, tendo abertura fechada com couro. É um velho elemento de civilização, talvez representando um dos mais antigos tambores do mundo.
- e.. Tambor de Pele: Confeccionado com um cilindro de madeira, geralmente fechado de um lado só. A fixação da pele é feita com cipós, por meio de compressão

2 Leia mais em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-som-do-espaco>. Acesso em 27 fev. 2022.

A Sabedoria Sagrada é aquela que começa nos olhares e as suas mãos vão levantando para entrar em sintonia com outras mãos e juntam com os outros olhares e se postam em comunhão, presentes no território do povo surdo ou virtualmente, desde que os sinais, sejam em um conceito de língua quântico-visual, quer dizer que a língua de sinais se desenvolve e se articula no espaço tridimensional, daí a ideia de quântico. Ou seja, no espaço que se dá no corpo, por meio do corpo e além corpo no olhar quântico - visual. E isso existe? Você deve estar se perguntando.

O “mundo surdo é Totêmico” como disse Gladis Perlin numa roda de conversa com mulheres surdas, e algo mais que envolve o viver, a língua e a cultura de um povo. Assim os conceitos surgem do estalar dos olhos, o conceito sobre o olhar quântico – visual, que é quando se considera a existência de quantização ao trazer a linguagem da língua de sinais, isso pode ser definido como um processo de constituir os parâmetros da língua. Esses parâmetros são apresentados ora em pontos neutros, ora ancorados no corpo ou com expressões não-manuais.

O processo de sinalização transforma uma conexão visual dos movimentos das mãos em longas e pequenas escalas, gerando através das propriedades das configurações de mãos. Um sinal de vibração ou efetivação que os olhos captam discretamente a somatória da configuração de mãos (CM) + Pontos de articulação (PA) + Movimentos (M) + Orientação de mãos (OM) + Expressões não manuais (ENM). Essa somatória é um conjunto de infinitos sinais de níveis de quânticos e potenciais. O processo de quantização é a ligação entre a forma de onda quântica que ocorre através das mãos e dos olhares. E a sua representação em uma língua que não passa pela via auditiva. (VILHALVA & REIS, no prelo)

Nessa perspectiva, a onda de quantização que só seus olhos falam e eles mesmos respondem, estão aí as expressões faciais, que você precisa

vivê-las, para você entender o sentido de cada ritmo energético, arrepiantes em seu ser como as batidas dos Tambores Xamânico ao Universo e ao som das batidas do coração da Mãe Terra que foi, contudo, já comentado acima.

Suas mãos embalam em uma comunicação mil, que até mesmo o seu corpo chega a arrepiar e vem mais um sinal imagético de que a Sabedoria Sagrada para os povos originários, seja ele surdo ou não, para os povos visuais e até mesmo para os povos desconhecidos, essa sabedoria não é contada, ela é vivida, como olhar perdido no Universo. Quando você encontra o outro que tem a mesma sabedoria, ou seja, a Sabedoria Sagrada se encontra no maior silêncio com som que você sente quando seu sangue corre em suas veias, esses sons te levam a bailar ora freneticamente e ora suavemente dentro de ti, imagine cada toque correndo em suas veias como um mar vermelho que atravessa todo o interior de seu ser.

Seu corpo sente a onda que vibra como uma onda em alto mar, misturada com os sons de todos os tambores, onde há expansão do seu pensar você viaja no mundo energético como sonhar de olhos abertos emanando sua potência dentro de ti. Cada vez mais você emana seus pensamentos e eles navegam universo afora, à vista disso, encontrando os saberes da mata e da Sabedoria Sagrada.

Não dá mais para contar, você precisa viver, experienciar, sentir os seus arrepios da vida que só você sabe o tempo para entrar em conexão com seu “eu” e com o “eu” dos outros seres universais... Esta conexão de seu “eu” com outros “eu” está na mesma dimensão. Existem as histórias de Sabedorias Sagradas que são impossíveis de serem registradas, por isso você deve vivenciar para compreender os rituais da Mãe Terra.

Enquanto mil pensamentos jorram, vem de leve atentar em poesia que aqui derramo em letras, a velha alma vem contar que Sou a Alma da Sinalidade!

Minhas mãos pulsam dentro de mim!

Se pulsam, gritam e gritam, cantam e cantam, retumbam!

Quando somos pequenos passamos de mãos em mãos, mão de cuidadores, sejam familiares ou não, mão de curadores, mão de padres, pastores em busca da cura e estes ficam em vão. Não tenho nada e ser surdo não é falta, sou completamente completa. Fui escolhida, não sozinha para além, há mais alguém, enfim chega um dia que preciso entender, e estou perdida na Seara do Divino Amor.

Foi assim que fui entrando em um mundo da cura sem ter o que curar. Foi quando olhei de longe a imagem que me mostravam e sem saber quem era, senti que era Jesus, suas mãos me escolhiam e me acolhiam. Pelo menos ele falava com os olhos, mas me interessei em saber quantas línguas de sinais ele sinalizava ou se sua comunicação era só por telepatia.

Eu não me rendia porque não entendia. Lembro que eu era pequena e minha abuelita me dizia quando faltava algo, melhor dizendo que era menina sapeca que cutucava todos e ainda ficava puxando o rosto de todos para ver seus lábios. Abuelita dizendo sempre: *Dios castiga pequena!* Eu, logo pensava, Deus é muito mal, ele quem é o culpado, só castiga, sem entender muita coisa.

Enfim o tempo passou e me mostrou que disso eu nada entendia, como disse acima que já estava acreditando no que me diziam, que não sabia escrever como ouvinte. Escrevia, lia e não sabia. Só queria que rimasse a minha poesia, que relatasse as dores da alma e da língua.

Olhos fixos nos rostos, movimentos rápidos que jogavam as palavras para fora das bocas, nisso muito me perdia e só sentia a energia e seguia... Eu sentia a energia e o que ela dizia, por todas minhas células, que teria que ir além do que escolhia! A alma querida é aquela que vem ao nosso alcance com uma mensagem de amor. É aquela que está aberta à simplicidade de uma flor. Buscava nas bocas, nos olhares nos corpos que falam e nas mãos que gritam. As mãos gritam quando não falam as línguas de sinais.

Eu pairava no ar e logo vinha e repetia... A dor da língua que me acolhe e ao mesmo tempo me abraça, mas me despedaça... Eu começava a atentar que existia algo mais dentro de mim e ia me sintonizando, quase em pranto e descobri a existência de uma alma querida, de ti que está lendo. Procure saber o pulsar da existência dela. A alma querida é aquela que quase sem suspirar, bem de dentro de ti, sai algo maior e me diz que devo seguir a Sabedoria Sagrada dos toques dos tambores.

Rufem os tambores.... Isso não vai no Lattes!!!

Rufem os tambores.... Isso não vai no Lattes!!!

Nem adianta rufar só do lado, o vibrar é tão forte que os seus toques dão pulsos... tum, tum, tum... dentro de um corpo surdo e logo alcança suas veias e essas latejam aos gritos dos tambores e transbordando mais uma vez em suas veias estivesse com as ondas do mar vermelho sangue e seu turbilhão de dimensões de ondas quânticas... Rufem os tambores dentro de mim nas veias. Isso é muito mais potente e fará com que todas as moléculas sejam renovadas, mostrando mais as minhas e as suas potencialidades do que simplesmente ser no sentido alma que está esperando a ser encontrada nesse universo sutil.

Mais um pulsar dos tambores toca em minha e nas suas veias. Há muitas almas dentro de nós!

Por você, ela será uma outra alma encontrada, pronta para reforma íntima. Você é a reforma de seu próprio ser. Seu íntimo, só você tem a chave e o acesso milenares! Não há ninguém mais potente que você! Muitas e diferentes almas, olhe para o céu estrelado e veja você lá com seu vibrar ao som do amar no vale do seu ser. Cada estrela, uma é Ela.

Ela é alma que você tem dentro de ti, nada mais será igual, depois que você entrar neste universo estelar de uma alma em busca de um novo caminhar. Ser um cristão ou não, estar em oração ou não, no jorrar da espiritualidade, somos os infinitos da Sinalidade da Língua de Sinais Indígena, Afrodescendente, Cigana, Imigrantes, Refugiados, do Campo ou das Águas, tudo isso não importa pois está dentro da Sabedoria Sagrada.

Poderá ser na grandeza da Paz, lembre-se que há muitas estradas a caminhar. No meio de tudo isso, você pode deparar com as dores da língua, ser na imensidão de tudo, o que passa neste momento é tudo novo, tudo começa, não existe nada que você ou vocês conheçam e saibam. O mais importante de tudo é que está dentro de ti, e a vontade de fazer esse universo melhor, mas tudo você deverá promover conhecimento aos irmãos, não cobre o que eles não têm.

Nesse patamar de conhecimentos, até aprendi que primeiro devo aceitar que me ensinem a pescar para depois, ter a continuidade nas orientações da minha caminhada, até mesmo nos seus sonhos da irmandade que Jesus deixou há dois mil anos!

Parei aqui e olhei esse escrito acima e refleti, como organizar a ideia que sai dessas letras e está aqui se impregnando a virar um texto que nem mesmo sei se terá contexto!?!

Quem irá me ensinar a pensar com palavras certas para que o que escrevo seja entendido sem passar pelas dores da língua?

Eu sou assim, você pode estar se perguntando: Por que o teu dever agora é para com esse novo caminhar?

Por que você quer aprender a escrever?

A resposta é de práxis. Ela existe. As dores da língua!

Enquanto me preparo, como todas as boas brasileiras, começo a fazer a reza no pensamento.

Uns ou outros surdos já chegaram aqui e agora estão só e sem saber o que fazer, chegaram devagarinho para que eles possam viver no mundo quântico visual e, poder seguir como nativo digital, apreciar a leveza desse estar junto a espiritualidade de amor.

Eu seguirei a caminhada, principalmente a jornada da Sabedoria Sagrada, porque assim, cheguei a entender que um dia iremos nos abraçar, com amor e mais amor a emanar e fazer florir nas energias como uma grande expansão salutar que distância a menos valia, cheguei aqui escrevendo e o que tenho a dizer que vocês que estão aqui lendo e que são um dos mais puros amor desse planeta.

Reuniremos na hora salutar!

Dançaremos a dança das tribos, das aldeias, das ruas e de todas as comunidades do planeta!

Rufem os tambores.... Isso não vai no Lattes!!!

Rufem os tambores.... Isso não vai no Lattes!!!

A hora é agora, e agora é o amor que se transborda para outra alma de amor e jorra em um mar de infinitude. É o amor que sinaliza, é o amor que jorra o emanar pela telepatia. Eu cheguei assim tão sozinho, eu vi de longe...

Agora você não precisa mais se sentir sozinho. Temos muitas comunidades espalhadas pelo Universo, entre livremente em uma comunidade em que você poderá escolher a liberdade sem ter dívidas e se cansar em busca para contar que o que se reserva na vida pregressa e progressa, liberte-se de tudo isso. Encontrar acalantos seja a libertação de sua potência, você vai ser recebido e entender o quanto o povo surdo em qualquer lugar do mundo vai colocando sentido da vida e nos dizendo em língua de sinais: Não se arrependa de Amar... não... não se arrependa jamais!

Não se arrependa, por aqui estar e, chamado foi, mais uma vez olhe o mar de amor, que corre em suas veias e em todo o seu ser!!! Mesmo em tempo de pandemia do século XXI.

À medida que o tempo passa, os olhos vivem sempre em busca da natureza ímpar, e, ainda, desafia em seus devaneios mil em busca da Sabedoria Sagrada do seu povo. O meu é o Povo Surdo.

Assim, para abrir novos caminhos, escolho compartilhar uma poesia recebida:

Shirley uma mensagem inspirada em você!

Há pessoas que trazem a luz nos olhos

A poesia nas mãos

O consolo no abraço

A paz na alma

Espalham amor incondicional

Não esperam nada em troca

E se doam a cada ação com o propósito maior que é o de servir

Almas puras e verdadeiras

Que por onde passam deixam no ar um aroma de perfume

Pois tem a alma perfumada

Por ações que praticam por amor e com amor

Espíritos missionários que vieram a Terra

Para semear a semente do amor na Terra fértil

Muitas vezes, não precisam nem falar, suas ações são os maiores exemplos que a humanidade necessita.

São como focos de luz no meio das trevas

São os escolhidos e preparados

Para o cultivo das almas que ainda se encontram na escuridão.

Santos-Silva – MLSS - 30/08/2020

(Em tempo de Pandemia COVID-19)

Rufem os tambores.... Isso vai no Lattes!!!

Nota de agradecimento: À Renata Cristina dos Reis, mulher surda com alta habilidade pela leitura e revisão deste artigo. Seu retorno em dizer que seus sentimentos foram desnudados, lendo parecia ser algo real, algo real, que acontece assim mesmo no corpo surdo!

**CURAR-TE:
UM JOGO DE PALAVRAS ENTRE
CURAR, ARTE E
CURAR PELA ARTE**

Silvana Aguiar dos Santos

DOI: [10.52788/9786589932628.1-9](https://doi.org/10.52788/9786589932628.1-9)

Antes de começar eu peço licença aos meus, àqueles que me cuidam e que estão comigo, seja nessa dimensão ou não. Eu demorei muito tempo para escrever esse texto. Ele passou por duas alterações temáticas, desde o convite que recebi. Primeiro, eu queria escrever sobre o banho de cachoeira e a relação com o corpo, a tradução e a subjetividade. O texto ficou pela metade e não consegui ir adiante, pois tinham lacunas que precisavam ser reconfiguradas.

Depois, eu mudei o tema para a presença dos mais velhos na minha vida. Também escrevi um texto que ficou pela metade, pois tamanha era a dor da saudade que eu sentia. Pensei não ser justo dividir com você essa leitura densa. Há momentos para todas as coisas, para chorar e para dançar, para lembrar os traumas e para movimentar exercícios de cura sobre os nossos corpos, sejam eles físicos, emocionais ou sutis. O que vou escrever então? Fiquei me perguntando por tantos dias. E eis que me veio: discuta sua forma de pensar e o modo como transita em diferentes realidades.

Apreendi com meu pai que o local de trânsito, a ação de transitar não é algo livre de tensões, afinal você nunca sabe quem encontra pela frente. Você também não conhece como esta comunidade enfrenta seus dilemas, como seu estado emocional e subjetivo operam por meio da linguagem. Foi uma escolha de vida minha, acessar ao trânsito de fronteiras, sejam elas geográficas ou culturais, dimensionais ou imagináveis. Nessas fronteiras de mundos e realidades tão discrepantes, eis que me torno a cada dia uma pesquisadora, professora e intérprete, vivendo diferentes formas de expressão, de linguagens e de línguas. Somos tão complexos e ao mesmo tempo tão simples.

Às vezes, me sinto parte de um jogo de damas, movimentando as peças de um lado para outro, podendo, ao mesmo tempo, perder a possibilidade de continuar lutando porque não compreendeu as regras, sejam elas, explícitas ou não. Existem uns códigos nesse mundo que são meio estranhos. Se incentiva comunicar com afeto, mas pouco se reconhece a presença dele na pesquisa e mesmo nas relações sociais. Se você é afetuoso demais na sua forma de expressar, você pode ser considerado “pegajoso” ou ainda, para utilizar um termo da modinha atual “emocionadahhh”. Por outro lado, se você não utilizar um tom afetivo para comunicar o que deseja, você pode ser considerado arrogante ou mesmo ríspido. Eu, confesso, nunca sei a medida certa dessas comunicações. Decidi então me comunicar pelas expressões e, mais especificamente, pelo olhar. Mesmo que eu queira disfarçar, tais expressões denunciam o que penso e quero comunicar. Por isso, existem alguns humanos por aí, os quais são sagazes na captura de expressões faciais, que, às vezes, me colocam em saia justa.

Sobre o que exatamente você está falando? Eu estou dizendo sobre as diferentes formas expressivas que utilizamos para nos apresentarmos ao mundo. Tem gente que é multiexpressiva! Tem gente que é monoexpressiva! E está tudo bem, sem julgamentos nesse trânsito cultural, linguístico e, por que não, tradutório? Tudo isso são informações corporais presentes na sua e na minha forma de se expressar ao mundo. Assim, você não se expressa somente pelo som que sai de sua boca ou pelas suas mãos, mas, também, pelo modo como se enuncia, se apresenta e se convida ou não àqueles que desejam estar com você.

Na própria composição do seu nome existem impressões do ser que você é, e mais ainda, das identidades que transita, as quais coloca para jogo ou não. Todas elas são movimentos corporais e de expressão da linguagem. Suponhamos que esse pensamento tem coerência, quais potências corporais você tem desenvolvido para ampliar seu modo de comunicar? É aqui que eu te convido para fazer um passeio. Pode ser meio estranho este passeio sobre linguagens e espaços territoriais, mas confia que o caminho pode te trazer surpresas interessantes.

Nós aprendemos tantas coisas ao longo da infância, mas, infelizmente, aos poucos vamos engessando estas aprendizagens. Quando nos tornamos adolescentes, perdemos mais ainda a força expressiva dos nossos corpos, pois retraímos mais e mais (em alguns casos). A maioria congela de vez, quando nos tornamos adultos. A dança, o teatro, a pintura, a música, as oficinas e ensaios, o *slam*, a batalha, as diferentes formas que usamos para expressar o corpo significam tanto para nossas composições corpóreas que deveríamos entendê-las melhor. Certa vez, eu estava no ateliê da escola pública onde eu estudava em Santa Maria (Rio Grande do Sul / Brasil) e ouvi o seguinte de uma colega em uma aula de batik.

- Silvana, a arte cura.

- Capaz?

- Sim, eu faço as aulas de batik porque elas me permitem tocar na composição da minha alma. E você?

- Eu acredito que a justiça cura.

- Jura? E por que você faz batik?

- Sim, a justiça nos possibilita fazer as curas necessárias à alma. O batik representa as diferentes leis e cores dos sistemas jurídicos.

- E por que você não alia a arte com a justiça? Ou a justiça não tem corpo?

- São dois campos tão distintos, que nunca pensei.

Esse diálogo ficou tinindo nos meus ouvidos. Não imaginava ser possível a articulação desses campos. Eu via que as cores do batik aplicadas nos tecidos artesanais que eu trabalhava me levavam para mundos possíveis e mais justos. Aqueles desenhos abstratos e a cera que derretia lentamente na aplicação em tecido me possibilitavam conhecer outros espaços. Nessas horas, meu corpo ali estava entregue a uma sinfonia visual, de cores e de viagens inimagináveis.

É como se ali ativasse um neurônio criativo em busca de pluralidades étnicas, visuais e linguísticas. Uma cena ficou marcada demais em minha vida: quando conseguimos realizar uma exposição, mostrando os nossos trabalhos de batik produzidos por jovens de 14 ou 15 anos residentes da periferia que estudavam nessa escola pública. Aquilo nos fez acreditar em mundos mais justos. Eram corpos criativos, corpos periféricos que mostravam suas composições e formas de tecer outras manifestações artísticas.

Esse processo foi bem importante para o meu ser, pois eu tinha a alma em um lugar e o corpo em outro lugar; acoplar nem sempre era uma coisa fácil e muito menos tranquila. Porém, não foi somente o batik que contribuiu na minha vida. O teatro me fez desenvolver uma consciência corporal, de presença e de palco muito interessantes. Ali, eu poderia desenvolver uma cena, encenar uma peça, dar vida a uma personagem e voltar para o meu espaço de conforto (ou o que eu julgava conforto naquela época). Experimentar esses espaços, ainda que amadores na escola pública, me fez acreditar que meus ombros deveriam ser menos

retraídos, que eu poderia expandir o busto o suficiente para colocar meu peito adiante, comunicando algo que estava entalado.

Em um desses ensaios, e a gente treina muito para fazer o melhor, me vi encenando uma audiência de uma pessoa que lutava para se comunicar com um juiz e não era entendida devido a língua que ela utilizava para aquele contexto. Naquela época, meados dos anos noventa, eu já tinha escolhido ser intérprete de Libras-português. A cena mexeu profundamente com o meu ser.

Eu não conseguia descolar a ideia de que aquilo era apenas uma cena. Eu vi aquela cena como real, meu corpo deu indicativo de que aquilo acontecia com muito mais frequência do que supostamente somente no plano abstrato. Naquele cenário, naquelas condições ainda não se falava de imigrantes e refugiados, de pessoas que eram forçadas a se deslocar por um motivo A ou B. Em algum lugar, elas precisavam solicitar abrigo, refúgio ou ainda buscavam esperança de vidas melhores. Só aqui, inúmeras possibilidades explicariam tantas decisões que fiz ao longo da minha vida, seja ela profissional ou pessoal.

As coisas não param por aí. Foram nas aulas de cerâmica, realizadas no ateliê da escola pública em que eu estudava no ensino médio, que tive a oportunidade de usar minha criatividade para ornar peças. Quem está lendo, deve se perguntar como não me tornei uma pessoa tão envolvida com a arte? Eu acho que não acreditei na frase dita pela minha colega durante muitos anos, aquela de que a arte cura. Mas curar do que? Foi na cerâmica que descobri que eu não conseguia produzir figuras factíveis, elas eram totalmente abstratas. Entretanto, algo chamava atenção, pois eu sempre riscava linhas plurais como decoração. Ou melhor, eu achava que era decoração até o dia em que a professora comentou sobre as linhas

ancestrais das nossas vidas e dos nossos povos, das linhas que constituem nossos saberes e de como as manifestações artísticas tinham muito do que dizer sobre isso.

E por falar em manifestações artísticas, lembrei das aulas de escultura. Até pouco tempo atrás eu tinha o *formão*, um instrumento utilizado para entalhar a madeira. Eu não lembro qual tipo de madeira eu utilizava, mas era bem macia. Deveria ser alguma própria para iniciantes, já que eu nunca tive muita habilidade para tornear a madeira. O discurso da professora naquela época em enunciar que algumas culturas mostravam suas singularidades por meio das esculturas, não fazia sentido para minha pessoa. Eu sequer tinha experiência com artistas e/ou povos de diferentes contextos e países. Esse pensamento só fez sentido, e ecoou novamente no meu ser, quando cheguei na cidade de Grand Bassam na Costa do Marfim. Lá pude identificar as diferentes formas esculturais apresentados pelas diferentes etnias daquele país.

Tal como a escultura, as aulas de fotografia me capturaram, pois me deram noções de enquadramento, cenários, contextos, proporção visual e tantas coisas mais. Eu imaginava que a fotografia poderia me conceder boas (e outras nem tanto) memórias de cenas que nunca iriam desaparecer da mente e da alma. A fotografia auxiliaria a garantir a dignidade humana, afinal quem não se comoveria em ver uma família de refugiados atravessando a fronteira, registrados por meio de uma fotografia? Já lhe adianto, ninguém!

Passaram-se 30 anos dessas aulas iniciais que tive na escola pública e a sensação que tenho é que ninguém se comove, pelo contrário, somente se rentabiliza no mercado a melhor foto. Se comercializa vidas e se precariza a existência por meio dos registros. Eu preciso ser sincera e dizer

que eu tinha uma professora maravilhosa, pois ela mostrava que existiam outros universos para além do mundo que eu habitava. Essa professora mostrava sobre os corpos existentes nas fotos e que o movimento desse corpo importava.

Eu conseguia encontrar ângulos inusitados, pois o olhar me levava para perceber detalhes. O corpo avisava para onde ele queria ir e como ele queria ser registrado. Deve ser por isso, que eu cuido tão bem da única fotografia que registra minha família. Sim, nós nunca tivemos uma câmera fotográfica que permitisse tirar uma foto de todos juntos, pelo menos não até o ano de 2010. Temos apenas uma foto. É claro que você não quer nem pensar que isso pode ser uma forma de racismo que extratifica quem pode ter acesso aos bens e consumos e mais ainda, usufruir deles.

Vem comigo, porque se não quiser acessar esse caminho por meio da fotografia, será por meio da dança. Nas aulas de dança da escola pública onde estudei tive oportunidade de treinar “os passinhos” que tínhamos na periferia, mas também conhecer e estudar um pouco da história do break, charme, maculelê, maracatu, jongo e ijexá. Tinham outros ritmos como músicas de origem italiana e alemã, além de instrumentos musicais como violão, flauta e outros. Eu não me sentia confortável nessas aulas porque eu tinha hipersensibilidade acústica e o som, a letra e a melodia eram coisas dissociáveis para mim. Eu não tinha um processamento auditivo suficiente que possibilitasse integrar todos esses elementos.

Das aulas de desenho artístico eu fugi, literalmente. Só frequentei as aulas de desenho geométrico. Não foi nada fácil encarar a construção dos polígonos, a homotetia, a projeção e redução das figuras planas e assim sucessivamente. Perceber que a repetição das formas geométricas

foi um aprendizado para a vida profissional e pessoal só foi possível compreender mais tarde. Aos poucos eu experimentava não somente diferentes expressões artísticas, mas também, integrava partes do meu corpo que eu sequer tinha consciência.

Como intérprete de Libras-português que me tornei alguns anos depois, pude entender o modo como essas e outras manifestações artísticas eram e continuam sendo parte da minha construção corpórea. Essa construção tão atravessada por marcas sociais e culturais, e, também, por marcas linguísticas e tradutórias.

Isso significa que eu iria atuar em contextos artísticos? Não necessariamente, pois eu mesma optei em atuar como intérprete de Libras-português em contextos jurídicos e policiais. Contudo, as marcas que o nosso corpo carrega consigo e as congruências que ele articula nos diferentes espaços que ocupamos nos dizem muito do que devemos honrar como compromisso para formação profissional.

Mais do que a direcionalidade, de fora para dentro, mas sim de dentro para fora, podemos alçar voos mais profícuos, afinal os saberes e ensinamentos internos nos dizem muito quando articulados aos saberes externos. Esse local de encontro ainda parece pouco conhecido e menos ainda reconhecido na academia, tampouco no Lattes. Esse suposto encontro que estou articulando, entre saberes narrativos do corpo e saberes institucionalizados, pode permitir relações e aprendizagens mais horizontalizadas.

Por que estou chamando de saberes narrativos do corpo? Porque interessa-me conhecer mais a biografia do seu corpo, independente do espaço que você está trabalhando com ele. Ele hospeda você, mas raras são as vezes que queremos contar a história com ele. Eu mesma demorei

acoplar neste corpo que me hospeda, afinal eu transitava (e ainda trânsito com muita constância em diferentes dimensões). Não vejo isso como problema, desde que eu consiga ter ferramentas suficientes que me permitam ter consciência sobre esse trânsito.

Mais do que colocar meu corpo para a cena e dizer ao que ele veio nos contextos que trabalho, me interessa saber as experiências e narrativas que esse corpo buscou para si e integrou no espaço coletivo em que estive construindo uma poética corporal do dizer e do transitar. Gosto muito quando leio, visualizo e encontro reflexões nessa linha, tal como aquela realizada por Edvaldo Santos e Erika Mota em um texto intitulado: “Da vizinhança aos slams de poesia”. Ou ainda, aquele recente livro escrito por Emiliana Rosa que nos convida a ler sobre “Crônicas, memórias e joelhos ralados”. Teríamos outros exemplos também e em todos eles, o corpo e os saberes que carregam consigo se tornam evidentes, ao menos em minhas leituras e interpretações.

Essas vivências artísticas que tive oportunidade de ter na escola pública em que eu estudava, proporcionaram-me uma outra visão do que é justiça e, também, de como o judiciário pode se manifestar. Já sinto olhos revoltados de quem exerce o privilégio de ter um judiciário pouco atento a essas questões. Calma, fique tranquilo. Eu ainda não entrarei no mérito de quem exerce e como deve atuar profissionalmente nesse meio. Nesse texto, a busca é somente para fazer emergir os saberes corporais narrativos e como eles podem se articular aos diferentes espaços que trabalhamos, transitamos e somos convidados a sentar. Fique esperto, a justiça é uma mulher negra como afirmam as autoras Livia Sant’anna Vaz e Chiara Ramos.

No fundo, no fundo, quase ao final desse texto, me pego pensando que talvez o desconforto do jogo de damas não seja porque eu não conheça as regras explícitas ou não, mas porque eu jogo de uma forma diferente com saberes narrativos corporais distintos. E tem como jogar damas de um jeito diferente? Ué, vai lá na história do antigo Egito, saber como, porque e quais representações o jogo de damas tinha naquela época. Aos poucos vou respondendo às próprias perguntas e diálogos que criei nesse texto-ensaio-corpo. Para a minha colega do segundo grau (atual ensino médio) que questionou se a justiça não tinha corpo, saiba que passados 30 anos eu não só descobri o corpo da justiça como dialogo com ele por meio de um jogo de damas.

Há 64 casas no jogo de damas e esse número é articulador de dimensões e de diferentes artes. No ocidente, quando se joga damas o objetivo é imobilizar o adversário, já que são 12 peças pretas e 12 peças brancas. Às vezes, tenho a impressão de que só se joga na superfície, afinal mais do que imobilizar o adversário nas casas por cima, me interessa conhecer quais saberes corporais narrativos estão presentes nas 64 casas, quando se joga observando a superfície em 4D. Como assim? Que viagem é essa? Meu amigo, minha amiga, eu não acredito, você aprendeu a olhar o mundo apenas por cima? Se assim for, a geometria plana (e eu incluiria aqui a geometria sagrada) não só te convida a ver padrões existentes sob outros ângulos, como também, possibilidades de acessar saberes que estão impressos nos números, códigos e desenhos à sua frente.

Se você aprendeu a jogar damas olhando a perspectiva da superfície, talvez seja o momento de buscar a chave no seu corpo, nos seus afetos e na sua ancestralidade e ter outras formas de compreender esse espaço e contexto que vivemos aqui. Para você que não acredita nesse passeio-

construção ensaística que te convidei, não há problema. Está tudo certo, pois as experiências e vivências artísticas me possibilitaram entender o papel da pluralidade do ser e dos saberes. E, sim, a justiça tem corpo e esse corpo transita em diferentes fronteiras sejam elas, linguísticas, culturais ou inimagináveis. Por que então imaginar um sistema fixo, rígido e imutável se a matéria que opera os acordos jurídicos e as demais normativas é baseada na língua, e, como tal, ela é orgânica?

Aliás, já existem vários trabalhos colocando a relação entre arte e direito e por aí vai, o que eu fiz até aqui foi ensaiar uma reflexão pensando o papel dos saberes corporais narrativos na construção de outras formas de reivindicar nossos direitos. A propósito, o jogo de damas é para ser jogo de damas, não segue em nenhum momento alusão à metáfora do jogo de xadrez proposta por Saussure. Para fechar esse ensaio-texto-corpo, eu - Silvana, Ana, Sil, Antep, Guerreira Harmônica Amarela continuo agradecendo aos que me cuidam nessa dimensão e em outras, os quais permitiram a reflexão dessas linhas.

Dialogar com o corpo e sua poética invertendo a direcionalidade dos saberes, isto é, de dentro para fora não tem sido um aprendizado livre de tensões. Às vezes, me pego pensando que estou entre as aulas de escultura e de batik. A cada dia, estou esculpindo meus tons autobiográficos corpóreos e buscando neles respostas de dentro para fora, oportunizando que a engrenagem possa fluir entre saberes tradicionais e saberes acadêmicos.

E você, tem dialogado com seu corpo? O esculpir o corpo é demorado e faz parte de um processo, mas eu te asseguro que, tal como nas aulas de batik, esse processo tem muitas cores e preserva-se muitas camadas. O passeio de hoje fez a emergência de memórias somente físicas e tangíveis.

No próximo passeio (porque este saber não cabe no Lattes) te convido para experimentar outras camadas corpóreas em outras dimensões.

Referências

SANTOS, E.; MOTA, E. **Da vizinhança aos slams de poesia**. In: RIGO, N. S. *Textos e Contextos Artísticos e Literários: tradução e interpretação em Libras - Volume III*. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2020. v. 3. 288p.

VAZ, L. S.; RAMOS, C. **A justiça é uma mulher negra**. Belo Horizonte, Minas Gerais, Casa do Direito, 2021. 334p.

Agradecimentos

Aos professores de todas as escolas públicas que eu estudei e que me proporcionaram outros movimentos na construção teórica, prática e engajada entre os saberes tradicionais e os saberes acadêmicos.

Aos meus ancestrais do outro lado do véu e dos que habitam esta dimensão por me permitirem ver o mundo com outros olhos, integrando saberes tradicionais e os saberes acadêmicos.

Ao convite feito pela autora, professora e pesquisadora Emiliana Rosa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por todas as construções e compreensões amplas e extensas sobre o tempo, a língua e a cultura que habita nesse meu corpo que me hospeda.

Aos espaços, territórios e não-fronteiras que transcenderam suas formas de comunicar linguagens e permitiram uma construção tenra e pouco comum, nos ateliês das escolas públicas.

POSFÁCIO

Eu não iria escrever um posfácio neste livro, para mim, bastava o prefácio, neste eu explicaria a proposta e abriria as portas para os textos aqui presentes. O que me fez escrever este posfácio? Algo que ficou martelando na minha cabeça durante os ajustes finais deste livro.

Lá na introdução, eu coloquei que “todo processo de escrita é uma cura ou uma complicação”. Mal sabia eu da profecia que estava escrevendo. Explicarei. De todas as mulheres que convidei para o livro, não foram muitas, confesso, foi um grupo escolhido a dedo, algumas abandonaram o projeto mesmo depois do aceite, disseram que não conseguiam escrever. Outras pediram mais prazo, disseram que a escrita estava difícil, que escrever fora do padrão acadêmico demandava muito mais energia do que o habitual. Outras ainda me confessaram que começaram a escrever o texto e o reescreveram, uma, duas, três vezes, porque a escrita estava dolorosa, interna demais. Quando eu propus o livro eu não imaginava que haveriam escritas tão profundas, tão etéreas, e, metaforicamente, encontradas após cavarmos nosso poço interno de memórias.

Eu não imaginava que a troca de personas seria tão concreta. Persona é algo que construímos ao longo da vida. Temos várias personas, algumas delas mostradas no Lattes. Todo os dias vestimos a roupa da persona de professora e lecionamos, trocamos pela roupa da persona-pesquisadora, ou se estivermos tomando um café com alguém, ali está a nossa persona-amiga, - somos tantas! - e vamos mudando de acordo com a necessidade. Quando chegamos em casa, deixamos de lado a persona-

professora, a persona-pesquisadora, tiramos essa ‘roupa’, vestimos aquele pijama confortável que somos nós mesmas. Me dei conta, escrevendo esse posfácio, que pedi que as mulheres deste livro conversassem conosco usando aquele pijama velhinho com uns buracos e uma mancha de vinho. Entendem? Aqui os textos somos nós mesmas e não a persona como vocês nos veem todos dos dias. Estamos despidas.

Percebo que, tomando a frase dita lá em cima, os textos aqui presentes são, de uma forma ou de outra, textos curativos. A arte cura. A escrita cicatriza feridas que nunca vimos antes. A escrita livre nos faz compreender algo de nós que, por vezes, não percebíamos. Faz-nos enxergar a luz dentro de nós mesmas. Revela-nos. Por isso, o escrever de algumas das autoras foram processos doloridos, desafiadores, complexos, internalizados. Não é fácil sair do óbvio, não é fácil deixar a armadura de todo dia de lado. É um despetalar-se, um despertar-se.

Eu agradeço, imensamente, às mulheres que aceitaram escrever para este livro. Mulheres que deram as mãos e estão aqui participando desta roda. Há a lua nos iluminando. Há risadas, lágrimas, suspiros, acolhimentos ao redor da fogueira. Dancemos!

SOBRE AS AUTORAS

Nas próximas páginas, pedi que cada autora se descrevesse, não latteanamente, com licença poética ao neologismo, para que soubéssemos como cada uma se vê, sem apontar os vastos currículos. Como eu sei que somos seres curiosos, e honrando cada caminho acadêmico trilhado por elas, coloco juntamente o link para o currículo Lattes¹.

1 O conteúdo do Lattes aqui citado foi retirado do próprio currículo Lattes de cada autora.

Carilissa Dall'Alba



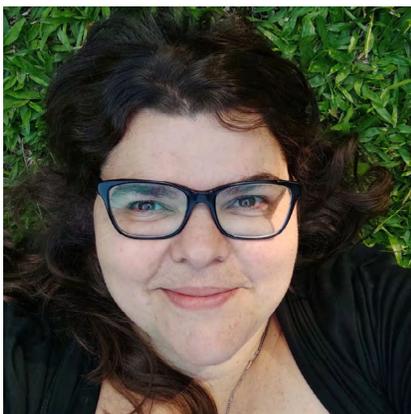
Por ela mesma: Caxiense que mora em Santa Maria. De 1985. Ansiosa que consegue viver o mais presente e praticar a felicidade vivendo, não esperar a felicidade. Odeia shopping. Mãe da Sofia, uma codinha ruiva incrível. Esposa da apaixonante Helenne. Apegada com a família. De poucos amigos. De grandes amigos. Amante de viagens.

Apaixonada por vinhos. Manejo a culinária italiana. Encantada pelas gatas Lili e Mia. De Esquerda. Ser altruísta é a atitude que mais gosto em mim.

Pelo Lattes: Professora de Libras do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (2013). Graduação em Letras/Libras - Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Tenho experiência na área de Educação de Surdos, Letras, Cultura, Linguística, com ênfase em LIBRAS, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, Cultura Surda e Visual, Sujeitos Surdos e Culturais, Educação Especial com enfoque de Pessoas Surdas e demais assuntos relacionados com a Educação de Surdos. Ativista e Militante do Movimento Surdo que luta pelas melhorias da Educação de Surdos.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4512492255460605>

Emiliana Faria Rosa



Por ela mesma: Viciada em palavras, coisas de papelaria, livros, viagens e observar o mundo. Poeta, escritora e degustadora de cafés, é muito fácil me ver em alguma cafeteria com um expresso, uma caneta e um caderno. Adoro escrever enquanto “vejo as modas”, como diria minha avó.

Pelo Lattes: Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Estácio de Sá. Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Candido Mendes. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora do Magistério Superior da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autora dos livros: “Borboletas Poéticas” (2017); e do “Crônicas, memórias e joelhos ralados” (2022).

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1899263994075291>

Helene Schroeder Sanderson



Por ela mesma: Baiana que mora no território gaúcho. Transparente, autêntica e muito corajosa. Eu simpatizo com a ingenuidade e a inocência. Sou pura com o mundo em que quero dar e ver a paz. Melhor amiga da minha esposa Carilissa e da minha ruiva Sofia. Adoro artes e natureza. Gosto de novas experiências de vida. Amante

de aventuras na natureza e de esportes radicais. Quero ver arco-íris no mundo para colorir minha mente.

Pelo Lattes: Professora de Língua Brasileira de Sinais do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Rio Grande do Sul, Campus Alegrete. Concluiu o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, em 2020. Graduada em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC na modalidade à distância - Polo Santa Rosa - Instituto Farroupilha de Federal de Educação, Ciência e Educação, em 2018. Pós-graduada em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz em 2015. Também sou graduada em Design Gráfico pela Universidade Paulista – Unip, na unidade de Brasília/DF, em 2014. Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Internacionais Sinais. *Link do Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/5880699002791325>

Luciane Bresciani Lopes



Por ela mesma: Mulher. Mãe. Professora. Filha. Irmã. Esposa. Cunhada. Tia. Sobrinha. Afilhada. Madrinha. Sou uma mulher, como outra qualquer, assim como escreveu Cora Coralina. Carrego dentro de mim a força de todas que me antecederam.

Pelo Lattes: Graduada em História pelo Centro Universitário La Salle (2007); Especialista em Educação Especial e Processos Inclusivos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009); Certificada pelo Exame ProLibras/MEC (2011) como Tradutora e Intérprete de Libras/ Língua Portuguesa para atuação no ensino superior; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017); e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2021 - atual). Atualmente é professora do magistério superior do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nos seguintes temas: Libras, Educação de Surdos e Educação Especial.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3717768082453704>

Luna Andressa Dreher



Por ela mesma: Era uma vez uma menina que queria abraçar as nuvens e beijar a lua. Cavalgar nas crinas do vento. Se frustrava com a lerdeza da humanidade em cessar a violência. E queria curar o mundo: um abraço por vez.

Pelo Lattes: Formada em jornalismo, passeou por este caminho até ser abraçada por algo arrebatador.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9178987635407172>

Pós-abraço arrebatador: Astróloga, guia de círculos de mulheres e terapeuta holística. Mãos de fada no Thai yoga massagem.

Link do Instagram (acompanhem!):

<https://instagram.com/lunaholisticabr>

Maria Cristina Pires Pereira



Por ela mesma: Formada em curiosidade. Pós-graduação em sede de conhecimento. Mestrado em assuntos diversos e aleatórios. Doutorado pizza, no estrangeiro (porque é chique), em *overthinking* (pensar demais). Pós-doutorado, que nem é título, é só um estágio, em vai e vem no Zen. Trabalha na universidade da Natureza e atua observando os detalhes, folhas, flores e bichinhos que ninguém nota. Já fui pega plagiando os sentimentos de Manoel de Barros, pois também “tenho em mim um atraso de nascença e fui aparelhada para gostar de passarinhos” e de Mário Quintana porque “não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese”. Eterno projeto de pesquisa: a existência é uma aventura.

Pelo Lattes: Possui doutorado em Estudos da Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) e mestrado em Linguística Aplicada (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS). Docente do magistério superior no Bacharelado em Letras - Tradutor e Intérprete de Libras e Português, Departamento de Línguas Modernas, do Instituto de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Ministra, regularmente, as disciplinas de Fundamentos da Tradução e Interpretação, Estudos de Tradução, Estudos da Interpretação I e Estudos da Interpretação II. Participa dos grupos de pesquisa CNPq: Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET), da UFRGS e Estudos da Tradução e da Interpretação (ESTI), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Áreas de atuação e interesse de pesquisa: Estudos da Tradução, Estudos da Interpretação, Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6275801629759508>

Natália Schleder Rigo



Por ela mesma: Caçula de três, cresceu entre grandes mulheres, sua mãe e tias: Ana, Gina, Tere, Dete e Rosa (irmãs Schleder). Saudosista dos anos 90, coleciona papéis de carta e brinquedos antigos. É fã de Beatles e Pato Fu. O que mais ama é viajar com seu amor. Tem um pastor alemão chamado Paul. Prefere as coisas coloridas e agrídoces. Vê carinha em tudo (pareidolia). Entusiasta. Avoada. Inquieta. Se acalma dançando e conversando com o mar. Dorme muito. Escreve muito.

Pelo Lattes: Bonequeira, arte-educadora, tradutora e intérprete de Libras/Português. Professora Adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Possui doutorado e mestrado em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Especialização em Arteterapia (UPF). Graduação em Letras Hab. Libras (UFSC) e em Educação Artística Hab. Artes Plásticas (UPF). Possui produções acadêmicas, projetos artístico-culturais e atividades de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Libras e Artes (teatro, dança, música e artes visuais). Atualmente dedica-se para os seguintes temas: teatro de bonecos em Libras, performances bilíngues e acessibilidade cultural.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4832571257167437>

Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione



Por ela mesma: O que dizer sobre mim? Por eu mesma? Sou nascida nas montanhas mineiras, atualmente cariocando no Rio de Janeiro. Sou mulher, surda, tenho três filhos, que são lindos da mamãe (João Lucas, Davi Lorenzo e Enzo Matteo). A fábrica já fechou, mas recebi recentemente proposta para ser barriga solidária para meu primo gay, mas ainda não resolvemos. Deixamos para 2023. Amo coisas belas e simples da vida, como admirar o céu azul, que é onde meu avô está. Ele sempre me dizia, “Paz e Alegria”. Procuo incutir este lema no meu dia a dia, mas o TDAH não dá tréguas... Gosto de polemizar, quem me conhece sabe quem sou! Gosto de defender minhas ideias e poder ser convencida também, aprendendo sempre mais. Ah, o que não deixo de recusar é me arrumar bem bonita para ir tomar café com amigas e amigos! Ah esqueci, tenho um marido que é o amor da minha vida e é muito prendado, o melhor do mundo!

Pelo Lattes: Professora Associada do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no curso de Pedagogia com ênfase em Educação Bilíngue de Surdos. Tem formação em Pedagogia (2000). Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2010).

Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2021 - 2022). Possui publicações relevantes na área, como o livro intitulado *Implante Coclear: normalização e resistência surda*. Atualmente pesquisa sobre epistemicídio nas Políticas Públicas em Educação de Surdos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Bilíngue de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: Políticas Linguísticas e Educacionais de Surdos, Estudos Surdos, Artes Surdas, Literatura Surda, Resistências Surdas. Discursos sobre Surdos, Surdez, Língua de Sinais, Culturas Surdas e Educação de Surdos.
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9544918514306926>

Shirley Vilhalva



Por ela mesma: Mulher indígena surda com alta habilidade; orientação sexual: Assexual; Mãe - Avó; Espírita; Escritora de literatura licenciada e outras literaturas. Andarilha pelas terras brasileiras em busca das línguas de sinais indígenas e língua de sinais ciganas.

Pelo Lattes: Pedagoga, Mestre em Linguística - UFSC e Doutoranda em Linguística Aplicada UNICAMP/UFMS. Escritora Surda. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Atuante na comunidade surda, foi professora e diretora de Escola Estadual de Surdos - CEADA e professora no CAS/MS. Dedicou 25 anos como voluntária na FENEIS, 15 anos como voluntária na ASSUMS, contribuiu como Conselheira do CONSEP e do CONADE. Participou como Professora, Tutora do Polo UFSC e Coordenação do Sistema e Acompanhamento do Estudante do Curso Letras-Libras/UFSC. Colaborou como Professora da Pós Libras Unintese e Pós-Graduação UCDB Virtual. Compartilha na educação de Surdos em Mato Grosso do Sul durante 36 anos, surdos urbanos, hoje com indígenas surdos. Investindo em Encontros de Famílias Bilíngues e Amigos de Surdos. Participação no Grupo Pesquisador em

Educação Intercultural como intercâmbio² com a Universidade Federal Mato Grosso do Sul nas linhas de pesquisas: estudos surdos das línguas de sinais indígenas e educação de surdos: um olhar à identidade, cultura e língua.

² Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI), vinculado ao Mestrado Acadêmico em Letras (ML), Departamento de Libras (DLIBRAS), Núcleo de Ciências Humanas (NCH), Universidade Federal de Rondônia (UNIR). *Link do Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/8608168347538654>

Silvana Aguiar dos Santos



Por ela mesma: Uma pesquisadora, intérprete e professora duplamente mutável com suas qualidades e defeitos que os tais deslocamento e trânsito podem causar. Muitas identidades me constituem, mas poucas delas entram em cena no meio acadêmico. Transeunte das areias quentes e do amarelo do sol do outro lado do oceano para as terras gélidas sulistas da América.

Pelo Lattes: Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira - DLSB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Estudos da Tradução e interpretação de Libras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET) da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora geral do Programa de Extensão TILSJUR - Tradutores e intérpretes de línguas de sinais na área. Doutora em Estudos da Tradução e Mestre em Educação pela UFSC, graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem experiência na área de Estudos da Interpretação (interpretação comunitária), Políticas da Tradução, formação e profissionalização de intérpretes de língua de sinais em contextos jurídicos e policiais. Atua como vice-líder do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução

de Línguas de Sinais - InterTrads. Participa como membro do GT de Estudos da Tradução da ANPOLL.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2132093144348796>

